

UMA MULHER SEM IMPORTÂNCIA

PARA GLADY, CONDESSA DE GREY

PERSONAGENS DA PEÇA

LORDE ILLINGWORTH
SIR JOHN PONTEFRACT
LORDE ALFRED RUFFORD
MR. KELVIL, MEMBRO DO PARLAMENTO
O VENERÁVEL ARCEBISPO DAUBENY
GERALD ARBUTHNOT
FARQUHAR, MORDOMO
FRANCIS, LACAIO
LADY HUNSTANTON
LADY CAROLINE PONTEFRACT
LADY STUTFIELD
MRS. ALLONBY
MISS HESTER WORSLEY
ALICE, CRIADA
MRS. ARBUTHNOT

CENÁRIOS DA PEÇA

ATO I - TERRAÇO EM HUNSTANTON CHASE
ATO II - SALA DE VISITAS EM HUNSTANTON CHASE
ATO III - GALERIA EM HUNSTANTON CHASE
ATO IV - SALA DE ESTAR NA CASA DE MRS. ARBUTHNOT, EM WROCKLEY

TEMPO: PRESENTE. 1893; LUGAR: O INTERIOR DA INGLATERRA.

A AÇÃO DA PEÇA SE PASSA EM UM PERÍODO DE VINTE E QUATRO HORAS.

ATO I

GRAMADO EM FRENTE AO TERRAÇO, EM HUNSTANTON CHASE. SIR JOHN PONTEFRACT, LADY CAROLINE E MISS WORSLEY, SENTADOS EM CADEIRAS SOB GRANDES TEIXOS.

LADY CAROLINE - Creio que esta é a primeira casa de campo inglesa em que já estive, não é, Miss Worley?

HESTER - Sim, Lady Caroline.

LADY CAROLINE - Disseram-me que na América não existem casas de campo, é verdade?

HESTER - Não temos muitas.

LADY CAROLINE - E lá existe o campo? O que nós chamamos de campo?

HESTER - (sorrindo) Temos o maior campo do mundo, Lady Caroline. Na escola costumam nos contar que alguns dos nossos estados são tão grandes quanto a França e a Inglaterra juntas.

LADY CAROLINE - Ah! Imagino que deve ser bastante ventoso. (para Sir John) John, devia usar seu cachecol. De que serve eu estar sempre tricotando cachecóis para você, se não os usa?

SIR JOHN - Garanto-lhe que estou bem aquecido, Caroline.

LADY CAROLINE - Acho que não, John. Bem, não poderia ter vindo a um lugar mais encantador, Miss Worley, embora a casa seja úmida demais, quase imperdoavelmente úmida, e a querida Lady Hunstanton às vezes seja um pouco descuidada em relação às pessoas que convida para vir aqui. (para Sir John) Jane mistura demais as pessoas. Lorde Illingworth, é claro, é um homem de grande distinção. É um privilégio conhecê-lo. E esse membro do Parlamento, Mr. Kettle...

SIR JOHN - Kelvil, meu amor, Kelvil.

LADY CAROLINE - Ele deve ser bastante respeitável. Jamais se ouviu falar no nome dele, o que diz muito a respeito de um homem, hoje em dia. Mas Mrs. Allonby não é uma pessoa muito adequada.

HESTER - Não gosto de Mrs. Allonby. Antipatizo com ela mais do que posso expressar.

LADY CAROLINE - Não estou bem certa, Miss Worsley, se estrangeiros como a senhorita deveriam cultivar simpatias ou antipatias pelas pessoas que são convidados a conhecer. Mrs. Allonby é muito bem-nascida. É sobrinha de Lorde Brancaster. Dizem, é claro, que ela fugiu duas vezes antes de se casar. Mas sabe como as pessoas são injustas muitas vezes. Eu mesma não acredito que ela tenha fugido mais do que uma vez.

HESTER - Mr. Arbuthnot é muito agradável.

LADY CAROLINE - Ah, sim! O rapaz que tem um cargo no banco. Lady Hunstanton foi muito bondosa em convidá-lo para vir aqui, e Lorde Illingworth parece ter se apegado muito a ele. Não estou certa, porém, de que Jane tenha agido corretamente ao tirá-lo de sua posição. Quando eu era jovem, Miss Worsley, nunca conhecíamos ninguém na sociedade que trabalhasse para viver. Não era considerado de bom-tom.

HESTER - Na América, essas são as pessoas que mais respeitamos.

LADY CAROLINE - Não duvido.

HESTER - Mr. Arbuthnot tem um belo caráter! Ele é tão simples, tão sincero. Ele possui uma das mais belas naturezas que já vi. É um privilégio conhecê-lo.

LADY CAROLINE - Não é costume na Inglaterra uma jovem falar com tanto entusiasmo de qualquer pessoa do sexo oposto, Miss Worsley. As mulheres inglesas escondem seus sentimentos até depois de seus casamentos. Só então elas os revelam.

HESTER - Então, na Inglaterra não se permite que exista amizade entre um rapaz e uma moça?

ENTRA LADY HUNSTANTON, SEGUIDA PELO LACAIO TRAZENDO XALES E UMA ALMOFADA.

LADY CAROLINE - É muito desaconselhável. Jane, estava justamente dizendo o quanto é agradável o grupo que nos pediu para conhecer. Você tem um maravilhoso poder de seleção. É um dom especial.

LADY HUNSTANTON - Bondade sua, querida Caroline! Acho que todos nós combinamos muito bem juntos. E espero que nossa encantadora visitante americana leve de volta agradáveis recordações da vida rural inglesa. (para o lacaio) Ponha a almofada ali, Francis. E o meu xale. O Shetland. Pegue o Shetland. (sai o lacaio em busca do xale)

ENTRA GERALD ARBUTHNOT.

GERALD - Lady Hunstanton, tenho ótimas notícias para lhe dar. Lorde Illingworth acabou de me convidar para ser seu secretário.

LADY HUNSTANTON - Seu secretário? É de fato uma ótima notícia, Gerald. Significa um futuro brilhante a sua espera. Sua querida mãe ficará encantada. Eu realmente devo tentar convencê-la a vir aqui esta noite. Acha que ela viria, Gerald? Sei como é difícil fazê-la ir a qualquer lugar.

GERALD - Oh! Tenho certeza de que ela viria, Lady Hunstanton, se soubesse que Lorde Illingworth me fez um convite como esse.

ENTRA O LACAIO COM O XALE.

LADY HUNSTANTON - Vou escrever para ela dando a notícia e pedindo-lhe que venha conhecê-lo. (para o lacaio) Espere, Francis. (escreve uma carta)

LADY CAROLINE - É uma oportunidade maravilhosa para um homem tão jovem como o senhor, Mr. Arbuthnot.

GERALD - De fato é, Lady Caroline. Confio que serei capaz de me mostrar digno dela.

LADY CAROLINE - Estou certa que sim.

GERALD - (para Hester) A senhorita ainda não me congratulou, Miss Worsley.

HESTER - Está muito contente com isso?

GERALD - Claro que estou. Significa tudo para mim - coisas que estavam além de qualquer esperança antes, podem estar ao alcance da esperança agora.

HESTER - Nada deve estar fora do alcance da esperança. A vida é uma esperança.

LADY HUNSTANTON - Imagino que o objetivo de Lorde Illingworth seja a diplomacia, Caroline. Ouvi dizer que lhe ofereceram Viena. Mas pode não ser verdade.

LADY CAROLINE - Não acho que a Inglaterra deva ser representada no exterior por um homem solteiro, Jane. Pode trazer complicações.

LADY HUNSTANTON - Você é muito assustada, Caroline. Acredite, você se assusta demais. Além disso, Lorde Illingworth pode se casar a qualquer hora. Eu tinha esperança de que ele se casasse com Lady Kelso. Mas creio que ele disse que a família dela era grande demais. Ou será que era o seu pé? Esqueci qual deles. Mas lamentei muito. Ela foi feita para ser a esposa de um embaixador.

LADY CAROLINE - Ela realmente tem uma maravilhosa capacidade de lembrar os nomes das pessoas e esquecer os seus rostos.

LADY HUNSTANTON - Bem, isso é muito natural, Caroline, não é? (para o lacaio) Diga a Henry para esperar por uma resposta. Escrevi algumas linhas para sua querida mãe, Gerald, para contar as boas novas e dizer-lhe que ela deve realmente vir para o jantar.

SAI O LACAIO.

GERALD - É uma bondade enorme de sua parte, Lady Hunstanton. (para Hester) Gostaria de dar um passeio, Miss Worsley?

HESTER - Com prazer. (sai com Gerald)

LADY HUNSTANTON - Estou muito satisfeita com a boa sorte de Gerald Arbuthnot. Ele é um protegido meu. E estou especialmente contente por Lorde Illingworth ter feito o convite por sua própria conta, sem qualquer sugestão da minha parte. Ninguém gosta que lhe peçam favores. Lembro-me da pobre Charlotte Pagden, que se tornou muito impopular uma época, pois tinha uma governanta francesa que queria recomendar para todo mundo.

LADY CAROLINE - Eu vi a governanta, Jane. Lady Pagden a mandou para mim. Foi antes que Eleanor aparecesse. Ela era bonita demais para servir em qualquer casa decente. Não me espanta que Lady Pagden estivesse tão ansiosa para se livrar dela.

LADY HUNSTANTON - Ah! Isso explica tudo.

LADY CAROLINE - John, a grama está muito úmida para você. Seria melhor entrar e colocar suas galochas de uma vez.

SIR JOHN - Estou bastante confortável, Caroline, eu lhe garanto.

LADY CAROLINE - Deve permitir que eu seja melhor juiz do que você nessa questão, John. Por favor, faça o que digo.

SIR JOHN SE LEVANTA E SAI.

LADY HUNSTANTON - Você o mima demais, Caroline, realmente!

ENTRAM MRS. ALLONBY E LADY STUTFIELD.

LADY HUNSTANTON - (para Mrs. Allonby) Bem, querida, espero que goste do parque. Dizem que é bem arborizado.

MRS. ALLONBY - As árvores são maravilhosas, Lady Hunstanton.

LADY STUTFIELD - Muito, muito maravilhosas.

MRS. ALLONBY - Mas, de algum modo, tenho certeza de que se vivesse no campo por seis meses acabaria me tornando tão rude que ninguém mais me daria a menor atenção.

LADY HUNSTANTON - Asseguro-lhe, querida, que o campo não produz esse efeito, absolutamente. Pois foi de Melthorpe, a apenas duas milhas daqui, que Lady Belton fugiu com Lorde Fethersdale. Lembro-me perfeitamente do ocorrido. Pobre Lady Belton, morreu três dias depois, de alegria ou de gota. Não me lembro qual. Tínhamos um grupo grande aqui na época, então estávamos todos muito interessados no caso.

MRS. ALLONBY - Acho que fugir é uma covardia. É fugir do perigo. E o perigo tornou-se tão raro na vida moderna!

LADY CAROLINE - Tanto quanto sei, as moças de hoje parecem ter como único objetivo na vida estar sempre brincando com fogo.

MRS. ALLONBY - A única vantagem de brincar com fogo, Lady Caroline, é que nunca se fica sequer chamuscada. São as pessoas que não sabem como brincar com fogo que se queimam.

LADY STUTFIELD - Sim, estou vendo. Isso é muito, muito útil.

LADY HUNSTANTON - Não sei como o mundo poderia ir para a frente com uma teoria como essa, querida Mrs. Allonby.

LADY STUTFIELD - Ah! O mundo foi feito para os homens, não para as mulheres.

MRS. ALLONBY - Oh! Não diga isso, Lady Stutfield. Nós nos divertimos muito mais do que eles. Há muito mais coisas proibidas para nós do que são proibidas para eles.

LADY STUTFIELD - Sim; isso é muito, muito verdadeiro. Não tinha pensado nisso.

ENTRAM SIR JOHN E MR. KELVIL.

LADY HUNSTANTON - Bem, Mr. Kelvil, conseguiu fazer o seu trabalho?

KELVIL - Terminei a minha escrita por hoje, Lady Hunstanton. Tem sido uma tarefa árdua. As exigências sobre o tempo de um homem público são muito pesadas hoje em dia, muito pesadas mesmo. E não acho que eles recebam o reconhecimento devido.

LADY CAROLINE - John, colocou suas galochas?

SIR JOHN - Sim, meu amor.

LADY CAROLINE - Acho que é melhor vir até aqui, John. É mais abrigado.

SIR JOHN - Estou bastante confortável, Caroline.

LADY CAROLINE - Acho que não, John. É melhor você se sentar ao meu lado. (Sir John se levanta e vai até lá)

LADY STUTFIELD - E sobre o que esteve escrevendo esta manhã, Mr. Kelvil?

KELVIL - Sobre o assunto de sempre, Lady Stutfield. A pureza.

LADY STUTFIELD - Deve ser um assunto muito, muito interessante para se escrever.

KELVIL - É o único assunto de verdadeira importância nacional, hoje em dia, Lady

Stutfield. Eu me propus consultar os meus eleitores sobre a questão antes que o Parlamento se reúna. Descobri que as classes mais pobres deste país manifestam um distinto anseio por um padrão ético mais elevado.

LADY STUTFIELD - Isso é muito, muito bom da parte deles!

LADY CAROLINE - O senhor é a favor das mulheres tomarem parte na política, Mr. Kettle?

SIR JOHN - Kelvil, meu amor, Kelvil.

KELVIL - A crescente influência das mulheres é a única coisa reconfortante na nossa vida política, Lady Caroline. As mulheres estão sempre do lado da moralidade, pública e privada.

LADY STUTFIELD - É muito, muito gratificante ouvi-lo dizer isso.

LADY HUNSTANTON - Oh, sim! As qualidades morais das mulheres... isso é o que importa. Receio, Caroline, que o caro Lorde Illingworth não valorize as qualidades morais das mulheres tanto quanto deveria.

ENTRA LORDE ILLINGWORTH.

LADY STUTFIELD - O mundo diz que Lorde Illingworth é muito, muito mau.

LORDE ILLINGWORTH - Mas qual é o mundo que diz isso, Lady Stutfield? Deve ser o outro mundo. Este mundo e eu estamos em excelentes termos. (senta-se ao lado de Mrs. Allonby)

LADY STUTFIELD - Todo mundo que conheço diz que o senhor é muito, muito mau.

LORDE ILLINGWORTH - É realmente monstruoso o modo como as pessoas, hoje em dia, tratam de dizer coisas sobre uma pessoa pelas suas costas que são absoluta e inteiramente verdadeiras.

LADY HUNSTANTON - O querido Lorde Illingworth é um caso perdido, Lady Stutfield. Desisti de tentar regenerá-lo. Seria preciso uma empresa pública com um conselho de administração e um secretário pago, para fazer isso. Mas o senhor já tem o secretário, Lorde Illingworth, não é mesmo? Gerald Arbuthnot nos contou da sua boa sorte. Foi muita bondade sua, de fato.

LORDE ILLINGWORTH - Oh, não diga isso, Lady Hunstanton. Bondade é uma palavra terrível. Encantei-me com o jovem Arbuthnot desde o momento em que o conheci, e ele me será bastante útil em algo que sou tolo o suficiente para pensar em fazer.

LADY HUNSTANTON - Gerald é um rapaz admirável. E sua mãe é uma das minhas amigas mais queridas. Ele acabou de sair para um passeio com a nossa bela americana. Ela é muito bonita, não acha?

LADY CAROLINE - Bonita demais. Essas moças americanas carregam todos os bons partidos. Por que não podem ficar em seu próprio país? Estão sempre nos dizendo que lá é o paraíso das mulheres.

LORDE ILLINGWORTH - E é, Lady Caroline. É por isso que, como Eve, estão sempre muito ansiosas para escapar dele.

LADY CAROLINE - Quem são os pais de Miss Worsley?

LORDE ILLINGWORTH - As mulheres americanas são espertas de um modo assombroso, quando se trata de esconder seus pais.

LADY HUNSTANTON - Meu caro Lorde Illingworth, o que quer dizer? Miss Worsley, Caroline, é órfã. Seu pai era um milionário muito rico, ou um filantropo, ou ambos, creio, que recebeu meu filho com muita hospitalidade quando ele visitou Boston. Não sei qual foi a origem da sua fortuna.

KELVIL - Imagino que seja no ramo de cereais americanos.

LADY HUNSTANTON - O que são cereais americanos?

LORDE ILLINGWORTH - Romances americanos.

LADY HUNSTANTON - Que estranho!... Bem, seja qual for a origem da sua enorme fortuna, tenho grande estima por Miss Worsley. Ela se veste extremamente bem. Todas as americanas se vestem bem. Adquirem suas roupas em Paris.

MRS. ALLONBY - Dizem, Lady Hunstanton, que quando os americanos bons morrem, vão para Paris.

LADY HUNSTANTON - É mesmo? E quando os americanos maus morrem, para onde vão?

LORDE ILLINGWORTH - Oh, vão para a América.

KELVIL - Receio que não aprecie a América, Lorde Illingworth. É um país bastante notável, especialmente considerando a sua juventude.

LORDE ILLINGWORTH - A juventude da América é sua mais antiga tradição. Estão indo agora para trezentos anos. Do modo que falam, parece que estão na primeira infância. No que diz respeito à civilização, estão na segunda.

KELVIL - Há bastante corrupção na política americana, sem dúvida. Suponho que é a isso que faz alusão?

LORDE ILLINGWORTH - Eu imagino.

LADY HUNSTANTON - A política é ruim em toda parte, segundo me disseram. Na Inglaterra, certamente é. O caro Mr. Cardew está arruinando o país. Pergunto-me como Mrs. Cardew permite. Com certeza não acha que pessoas sem instrução devam ser autorizadas a votar, Lorde Illingworth?

LORDE ILLINGWORTH - Acho que são as únicas que deveriam.

KELVIL - Não toma partido na política moderna, então, Lorde Illingworth?

LORDE ILLINGWORTH - Nunca se deve tomar partido em nada, Mr. Kelvil. Tomar partido é o início da sinceridade, logo em seguida vem a seriedade, e o ser humano se torna um tédio. No entanto, a Câmara dos Comuns realmente causa muito pouco dano. Não pode tornar as pessoas boas por um Ato do Parlamento... Já é alguma coisa.

KELVIL - O senhor não pode negar que a Câmara dos Comuns sempre demonstrou grande simpatia pelo sofrimento dos pobres.

LORDE ILLINGWORTH - Esse é o seu vício particular. Esse é o vício particular da época. Devíamos simpatizar com a alegria, a beleza, o colorido da vida. Quanto menos se falar dos males da vida, melhor, Mr. Kelvil.

KELVIL - Mesmo assim, nosso East End é um grande problema.

LORDE ILLINGWORTH - Muito grande. É o problema da escravidão. E estamos tentando resolvê-lo divertindo os escravos.

LADY HUNSTANTON - Certamente muita coisa pode ser feita por meio do divertimento barato, como diz, Lorde Illingworth. O caro Dr. Daubeny, nosso arcebispo, com a ajuda dos seus párocos, providencia recreações realmente admiráveis para os pobres durante o inverno. E pode se fazer muito bem por meio de uma lanterna mágica, ou um missionário, ou algum entretenimento popular desse tipo.

LADY CAROLINE - Não sou a favor de diversões para os pobres, Jane, de jeito nenhum. Cobertores e carvão são suficientes. Há amor demais pelo prazer entre as classes superiores, do jeito que está. O que queremos na vida moderna é saúde. O espírito não é saudável, absolutamente.

KELVIL - Está certíssima, Lady Caroline.

LADY CAROLINE - Acredito que normalmente estou certa.

MRS. ALLONBY - "Saúde", que palavra horrível!

LORDE ILLINGWORTH - A palavra mais tola da nossa língua, e conhecemos muito bem a ideia popular de saúde. Um cavalheiro rural inglês galopando atrás de uma raposa - o indizível em plena perseguição ao incomível.

KELVIL - Posso lhe perguntar, Lorde Illingworth, se o senhor considera a Câmara dos Lordes uma instituição melhor do que a Câmara dos Comuns?

LORDE ILLINGWORTH - Uma instituição muito melhor, é claro. Nós, na Câmara dos Lordes, nunca entramos em contato com a opinião pública. Isso nos torna um corpo civilizado.

KELVIL - Está falando sério ao manifestar tal ponto de vista?

LORDE ILLINGWORTH - Muito sério, Mr. Kelvil. (Para Mrs. Allonby) Que hábito vulgar esse que as pessoas têm, hoje em dia, de perguntar a alguém, depois que deu sua opinião, se estava falando sério ou não. Nada é sério, exceto a paixão. O intelecto não é uma coisa séria, e nunca foi. É um instrumento com o qual brincamos, só isso. A única forma séria de intelecto que conheço é o intelecto inglês. E os iletrados tocam tambor no intelecto inglês.

LADY HUNSTANTON - O que está dizendo, Lorde Illingworth, sobre o tambor?

LORDE ILLINGWORTH - Estava apenas conversando com Mrs. Allonby sobre as

principais notícias dos jornais londrinos.

LADY HUNSTANTON - Mas o senhor acredita em tudo o que é escrito nos jornais?

LORDE ILLINGWORTH - Acredito. Hoje em dia só acontece aquilo que não se lê.
(Levanta-se com Mrs. Allonby)

LADY HUNSTANTON - Está indo, Mrs. Allonby?

MRS. ALLONBY - Só até a estufa. Lorde Illingworth me disse esta manhã que havia uma orquídea lá mais bonita do que os sete pecados capitais.

LADY HUNSTANTON - Minha querida, espero que não haja nada desse tipo. Certamente falarei com o jardineiro.

SAEM MRS. ALLONBY E LORDE ILLINGWORTH.

LADY CAROLINE - Tipo notável, essa Mrs. Allonby.

LADY HUNSTANTON - Ela deixa sua língua afiada fugir com ela, às vezes.

LADY CAROLINE - E essa é a única coisa que Mrs. Allonby permite que fuja com ela, Jane?

LADY HUNSTANTON - Espero que sim, Caroline. Com certeza.

ENTRA LORDE ALFRED.

LADY HUNSTANTON - Caro Lorde Alfred, junte-se a nós. (Lorde Alfred senta-se ao lado de Lady Stutfield)

LADY CAROLINE - Você pensa bem de todo mundo, Jane. É um grande erro.

LADY STUTFIELD - A senhora acha realmente, realmente, Lady Caroline, que se deve pensar mal de todo mundo?

LADY CAROLINE - Acho que é muito mais seguro fazer isso, Lady Stutfield. Até que se descubra, é claro, que as pessoas são boas. Mas isso requer uma grande investigação, hoje em dia.

LADY STUTFIELD - Mas há muitos escândalos ruins na vida moderna.

LADY CAROLINE - Ontem à noite, no jantar, Lorde Illingworth observou-me que a base de cada escândalo é uma certeza absolutamente imoral.

KELVIL - Lorde Illingworth é um homem muito brilhante, é claro, mas me parece que lhe falta aquela justa fé na nobreza e na pureza da vida, que é tão importante no nosso século.

LADY STUTFIELD - Sim. Muito, muito importante, não acha?

KELVIL - Ele me dá a impressão de ser um homem que não aprecia a beleza da vida doméstica inglesa. Eu diria que está contaminado com ideias estrangeiras sobre o assunto.

LADY STUTFIELD - Não há nada, nada, como a beleza da vida doméstica, não é?

KELVIL - É o esteio do nosso sistema moral aqui na Inglaterra, Lady Stutfield. Sem ele, nos tornaríamos iguais aos nossos vizinhos.

LADY STUTFIELD - Isso seria tão, tão triste, não é mesmo?

KELVIL - Receio, também, que Lorde Illingworth veja as mulheres apenas como um brinquedo. Ora, eu nunca encarei as mulheres como um brinquedo. A mulher é a companheira intelectual do homem, tanto na vida privada quanto na pública. Sem ela, esqueceríamos dos verdadeiros ideais. (senta-se ao lado de Lady Stutfield)

LADY STUTFIELD - Estou muito, muito contente em ouvi-lo dizer isso.

LADY CAROLINE - É casado, Mr. Kettle?

SIR JOHN - Kelvil, querida, Kelvil.

KELVIL - Sou casado, Lady Caroline.

LADY CAROLINE - Filhos?

KELVIL - Sim.

LADY CAROLINE - Quantos?

KELVIL - Oito.

LADY STUTFIELD VOLTA SUA ATENÇÃO PARA LORDE ALFRED.

LADY CAROLINE - Mrs. Kettle e as crianças estão no litoral, suponho? (Sir John dá de ombros)

KELVIL - Minha esposa está no litoral com as crianças, Lady Caroline.

LADY CAROLINE - Vai se reunir a eles mais tarde, sem dúvida?

KELVIL - Se os meus compromissos públicos me permitirem.

LADY CAROLINE - Sua vida pública deve ser uma fonte de grande satisfação para Mrs. Kettle.

SIR JOHN - Kelvil, meu amor, Kelvil.

LADY STUTFIELD - (para Lorde Alfred) Esses seus cigarros de ponta dourada são tão, tão encantadores, Lorde Alfred!

LORDE ALFRED - São terrivelmente caros. Só posso permitir-me comprá-los quando estou endividado.

LADY STUTFIELD - Deve ser terrivelmente, terrivelmente angustiante estar endividado.

LORDE ALFRED - É preciso ter alguma ocupação, nos dias de hoje. Se eu não tivesse minhas dívidas, não teria nada em que pensar. Todos os sujeitos que conheço estão endividados.

LADY STUTFIELD - Mas as pessoas a quem o senhor deve dinheiro não lhe dão muito, muito aborrecimento?

ENTRA O LACAIO.

LORDE ALFRED - Oh, não! Eles escrevem. Eu não.

LADY STUTFIELD - Isso é muito, muito estranho.

LADY HUNSTANTON - Ah, aqui está uma carta da querida Mrs. Arbuthnot, Caroline. Ela não virá para o jantar. É uma pena. Mas virá à noite. Fico muito contente. Ela é a mais doce das mulheres. E tem uma letra muito bonita também, tão grande, tão firme. (entrega a carta para Lady Caroline)

LADY CAROLINE - (olhando para a carta) Falta um pouco de feminilidade, Jane. Feminilidade é a qualidade que mais admiro nas mulheres.

LADY HUNSTANTON - (pegando a carta de volta e deixando-a sobre a mesa) Oh! Ela é muito feminina, Caroline, e muito boa também. Devia ouvir o que o arcebispo diz sobre ela. Ele a considera o seu braço direito na paróquia. (O lacaio fala algo com ela) No Salão Amarelo. Vamos todos entrar? Lady Stutfield, vamos entrar para o chá?

LADY STUTFIELD - Com prazer, Lady Hunstanton.

LEVANTAM-SE E COMEÇAM A SAIR. SIR JOHN SE OFERECE PARA LEVAR A CAPA DE LADY STUTFIELD.

LADY CAROLINE - John! Se permitir que seu sobrinho cuide da capa de Lady Stutfield, poderia me ajudar com meu cesto de costura.

ENTRAM LORDE ILLINGWORTH E MRS. ALLONBY.

SIR JOHN - Certamente, meu amor. (Saem)

MRS. ALLONBY - É uma coisa curiosa, as mulheres feias sempre tem ciúmes dos seus maridos, as bonitas nunca têm!

LORDE ILLINGWORTH - Mulheres bonitas nunca têm tempo. Estão sempre muito ocupadas tendo ciúmes dos maridos das outras.

MRS. ALLONBY - Eu poderia pensar que Lady Caroline estivesse cansada da ansiedade conjugal, a essa altura! Sir John é seu quarto marido!

LORDE ILLINGWORTH - Com certeza não é conveniente casar-se tanto assim. Vinte anos de romance fazem uma mulher parecer uma ruína. Mas vinte anos de casamento a transformam em algo parecido com um edifício público.

MRS. ALLONBY - Vinte anos de romance! Existe uma coisa dessas?

LORDE ILLINGWORTH - Não em nossos dias. As mulheres se tornaram brilhantes demais. Nada estraga tanto um romance quanto o senso de humor na mulher.

MRS. ALLONBY - Ou a falta dele no homem.

LORDE ILLINGWORTH - Tem toda a razão. Num templo, todos devem ser sérios, exceto aquilo que é adorado.

MRS. ALLONBY - E isso seria o homem?

LORDE ILLINGWORTH - As mulheres se ajoelham com muita graça, os homens não.

MRS. ALLONBY - Está pensando em Lady Stutfield!

LORDE ILLINGWORTH - Garanto-lhe que não pensei em Lady Stutfield no último quarto de hora.

MRS. ALLONBY - Ela é um mistério tão grande assim?

LORDE ILLINGWORTH - Ela é mais do que um mistério - é um estado de espírito.

MRS. ALLONBY - Estados de espírito não duram.

LORDE ILLINGWORTH - É esse o seu maior encanto.

ENTRAM HESTER E GERALD.

GERALD - Lorde Illingworth, todos estão me dando os parabéns, Lady Hunstanton e Lady Caroline, e... todo mundo. Espero que eu seja um bom secretário.

LORDE ILLINGWORTH - Você será o secretário padrão, Gerald. (fala com ele)

MRS. ALLONBY - Gosta da vida no campo, Miss Worsley?

HESTER - Muito mesmo.

MRS. ALLONBY - Não se descobre ansiando por um jantar festivo em Londres?

HESTER - Não gosto dos jantares de Londres.

MRS. ALLONBY - Eu os adoro. As pessoas inteligentes nunca escutam, e as estúpidas nunca falam.

HESTER - Acho que as pessoas estúpidas falam um bocado.

MRS. ALLONBY - Ah, eu nunca escuto!

LORDE ILLINGWORTH - Meu caro rapaz, se eu não gostasse de você não lhe teria feito o convite. É porque gosto muito de você que quero tê-lo comigo.

SAEM HESTER E GERALD.

LORDE ILLINGWORTH - Rapaz encantador, esse Gerald Arbuthnot!

MRS. ALLONBY - Ele é muito bom, muito bom mesmo. Mas não posso suportar a jovem americana.

LORDE ILLINGWORTH - Por quê?

MRS. ALLONBY - Ela me contou ontem, e em voz alta, que tinha apenas dezoito anos. É muito aborrecido.

LORDE ILLINGWORTH - Nunca se deve confiar em uma mulher que diz a sua verdadeira idade. Uma mulher que diz isso para alguém, pode dizer qualquer coisa.

MRS. ALLONBY - Além disso, ela é uma puritana...

LORDE ILLINGWORTH - Ah, isso é imperdoável. Não me importo que as mulheres feias sejam puritanas. É a única desculpa que têm para a sua feiúra. Mas ela é decididamente bonita. Admiro-a muitíssimo. (Olha com firmeza para Mrs. Allonby)

MRS. ALLONBY - O senhor deve ser um homem completamente mau!

LORDE ILLINGWORTH - O que chama de um homem mau?

MRS. ALLONBY - O tipo de homem que admira a inocência.

LORDE ILLINGWORTH - E uma mulher má?

MRS. ALLONBY - Oh! O tipo de mulher de quem um homem nunca se cansa.

LORDE ILLINGWORTH - É muito severa... consigo mesma.

MRS. ALLONBY - Defina as mulheres como sexo.

LORDE ILLINGWORTH - Esfinges sem segredos.

MRS. ALLONBY - Isso inclui as puritanas?

LORDE ILLINGWORTH - Sabe que não acredito na existência de mulheres puritanas?

Não acredito que exista uma mulher no mundo que não ficaria um pouco lisonjeada se fosse amada. É o que torna as mulheres tão irresistivelmente adoráveis.

MRS. ALLONBY - Acha que não existe uma mulher no mundo que se oporia a ser beijada?

LORDE ILLINGWORTH - Pouquíssimas.

MRS. ALLONBY - Miss Worsley não deixaria que a beijasse.

LORDE ILLINGWORTH - Tem certeza?

MRS. ALLONBY - Absoluta.

LORDE ILLINGWORTH - O que acha que ela faria se eu a beijasse?

MRS. ALLONBY - Ou casaria com o senhor, ou lhe bateria no rosto com a luva. O que faria se ela lhe batesse no rosto com a luva?

LORDE ILLINGWORTH - Apaixonar-me-ia por ela, provavelmente.

MRS. ALLONBY - Então é uma sorte que não vá beijá-la.

LORDE ILLINGWORTH - Isso é um desafio?

MRS. ALLONBY - É uma flecha atirada no ar.

LORDE ILLINGWORTH - Não sabe que sempre tenho sucesso em tudo o que tento?

MRS. ALLONBY - Lamento ouvir isso. Nós, mulheres, adoramos fracassos. Eles se apoiam em nós.

LORDE ILLINGWORTH - Vocês adoram sucessos. Apegam-se a eles.

MRS. ALLONBY - Somos os louros para esconder sua calvície.

LORDE ILLINGWORTH - Eles sempre precisam de vocês, exceto no momento do triunfo.

MRS. ALLONBY - Não tem mais interesse, então.

LORDE ILLINGWORTH - Como gosta de atormentar! (uma pausa)

MRS. ALLONBY - Lorde Illingworth, há uma coisa que sempre me fará gostar do senhor.

LORDE ILLINGWORTH - Só uma? E tenho tantas qualidades más!

MRS. ALLONBY - Oh, não seja tão convencido sobre isso! Pode perdê-las quando envelhecer.

LORDE ILLINGWORTH - Não pretendo envelhecer nunca. A alma nasce velha, mas se torna jovem. Essa é a comédia da vida.

MRS. ALLONBY - E o corpo nasce jovem e se torna velho. Essa é a tragédia da vida.

LORDE ILLINGWORTH - É comédia também, às vezes. Mas qual é a razão misteriosa pela qual sempre gostará de mim?

MRS. ALLONBY - É porque nunca se apaixonou por mim.

LORDE ILLINGWORTH - Nunca fiz outra coisa.

MRS. ALLONBY - É mesmo? Nunca notei.

LORDE ILLINGWORTH - Que sorte! Poderia ter sido uma tragédia para nós dois.

MRS. ALLONBY - Nós teríamos sobrevivido.

LORDE ILLINGWORTH - Pode-se sobreviver a tudo hoje em dia, exceto a morte, e reabilitar-se de qualquer coisa, exceto de uma boa reputação.

MRS. ALLONBY - Já tentou ter uma boa reputação?

LORDE ILLINGWORTH - É um dos muitos aborrecimentos aos quais nunca estive sujeito.

MRS. ALLONBY - Ela pode vir.

LORDE ILLINGWORTH - Por que me ameaça?

MRS. ALLONBY - Eu lhe direi quando tiver beijado a puritana.

ENTRA O LACAIO.

FRANCIS - O chá está servido no Salão Amarelo, meu senhor.

LORDE ILLINGWORTH - Diga a sua senhora que estamos indo.

FRANCIS - Sim, meu senhor.

SAI.

LORDE ILLINGWORTH - Vamos entrar para o chá?

MRS. ALLONBY - Gosta desses prazeres simples?

LORDE ILLINGWORTH - Adoro os prazeres simples. São o último refúgio do complexo. Mas, se quiser, ficamos aqui. Sim, vamos ficar aqui. O Livro da Vida começa com um homem e uma mulher no jardim.

MRS. ALLONBY - E termina com as Revelações.

LORDE ILLINGWORTH - É uma esgrimista divina. Mas o botão veio do seu florete.

MRS. ALLONBY - Ainda estou com a máscara.

LORDE ILLINGWORTH - Torna seus olhos mais adoráveis.

MRS. ALLONBY - Obrigada. Venha.

LORDE ILLINGWORTH - (vê a carta de Mrs. Arbuthnot na mesa, pega-a e olha o envelope) Que letra curiosa! Lembra-me a letra de uma mulher que eu conhecia anos atrás.

MRS. ALLONBY - Quem?

LORDE ILLINGWORTH - Oh! Ninguém. Ninguém em particular. Uma mulher sem importância. (larga a carta e começa a subir os degraus do terraço com Mrs. Allonby. Eles sorriem um para o outro)

FIM DO ATO I

ATO II

SALA DE VISITAS EM HUNSTANTON CHASE, APÓS O JANTAR. LÂMPADAS ACESAS. PORTAS À DIREITA E À ESQUERDA. AS SENHORAS ESTÃO SENTADAS NOS SOFÁS.

MRS. ALLONBY - Que prazer ficar livre dos homens por um tempo!

LADY STUTFIELD - Sim, os homens nos perseguem um bocado, não é mesmo?

MRS. ALLONBY - Nos perseguem? Bem que eu gostaria.

LADY HUNSTANTON - Meu Deus!

MRS. ALLONBY - O mais aborrecido é que os miseráveis podem ser perfeitamente felizes sem nós. É por isso que acho que é dever de cada mulher nunca deixá-los sozinhos por um momento sequer, exceto esse curto espaço para respirar após o jantar. Sem isso, acredito que nós, pobres mulheres, estaríamos acabadas.

ENTRAM OS CRIADOS COM O CAFÉ.

LADY HUNSTANTON - Acabadas, querida?

MRS. ALLONBY - Sim, Lady Hunstanton. É desgastante manter os homens na linha. Eles estão sempre tentando escapar.

LADY STUTFIELD - Parece-me que somos nós que estamos sempre tentando escapar deles. Os homens são muito, muito cruéis. Sabem do seu poder e o usam.

LADY CAROLINE - (Pega o café que o criado oferece) Tudo isso que se diz sobre os homens é uma grande bobagem! O que se deve fazer é manter os homens no seu devido lugar.

MRS. ALLONBY - Mas qual é o seu devido lugar, Lady Caroline?

LADY CAROLINE - Cuidando das suas esposas, Mrs. Allonby.

MRS. ALLONBY - (pega o café que o criado oferece) É mesmo? E se não são casados?

LADY CAROLINE - Se não são casados, deviam estar procurando uma esposa. É absolutamente escandaloso o número de solteiros que estão frequentando a sociedade. Deviam aprovar uma lei obrigando todos eles a se casarem dentro de doze meses.

LADY STUTFIELD - (recusa o café) Mas e se eles estiverem apaixonados por alguém que, talvez, esteja comprometida com outro?

LADY CAROLINE - Nesse caso, Lady Stutfield, deveriam se casar dentro de uma semana com alguma moça feia e respeitável, para ensiná-los a não se meter com a propriedade alheia.

MRS. ALLONBY - Não acho que deveríamos sempre ser tratadas como propriedade de outras pessoas. Todos os homens são propriedade das mulheres casadas. Essa é a única definição verdadeira do que realmente é a propriedade das mulheres casadas. Mas nós não pertencemos a ninguém.

LADY STUTFIELD - Oh, fico muito, muito contente de ouvi-la dizer isso.

LADY HUNSTANTON - Mas você de fato acha, Caroline, que a legislação iria melhorar a situação de algum modo? Disseram-me que, hoje em dia, todos os homens casados vivem como solteiros, e todos os solteiros como homens casados.

MRS. ALLONBY - Eu com certeza nunca consigo distinguir um do outro.

LADY STUTFIELD - Oh, acho que sempre se pode saber de uma vez se um homem tem encargos de família ou não. Tenho notado uma expressão muito, muito triste nos olhos da maioria dos homens casados.

MRS. ALLONBY - Ah! Tudo que tenho notado é que eles são terrivelmente aborrecidos quando são bons maridos, e abominavelmente arrogantes quando não são.

LADY HUNSTANTON - Bem, acho que o tipo de marido mudou completamente desde a minha juventude, mas sou obrigada a declarar que o pobre querido Hunstanton foi a mais encantadora das criaturas, e tão bom quanto ouro.

MRS. ALLONBY - Ah, meu marido é um tipo de nota promissória. Estou cansada de resgatá-lo.

LADY CAROLINE - Mas você o renova de vez em quando, não?

MRS. ALLONBY - Oh, não, Lady Caroline. Até agora só tive um marido. Imagino que me considere uma completa amadora.

LADY CAROLINE - Com suas opiniões sobre a vida, me espanta até que tenha chegado a se casar.

MRS. ALLONBY - Eu também.

LADY HUNSTANTON - Minha querida menina, acredito que seja de fato feliz em sua vida conjugal, mas que gosta de esconder sua felicidade dos outros.

MRS. ALLONBY - Garanto-lhe que me decepcionei terrivelmente com Ernest.

LADY HUNSTANTON - Oh, espero que não, querida. Conheci muito bem a mãe dele. Ela era uma Stratton, Caroline, uma das filhas de Lorde Crowland.

LADY CAROLINE - Vitoria Stratton? Lembro-me dela perfeitamente. Uma mulher tola de cabelos claros e sem queixo.

MRS. ALLONBY - Ah, Ernest tem queixo. Tem um queixo muito forte, um queixo quadrado. Quadrado até demais.

LADY STUTFIELD - Mas acha mesmo que o queixo de um homem pode ser quadrado demais? Acho que um homem deve parecer muito, muito forte, e que seu queixo deve ser bem, bem quadrado.

MRS. ALLONBY - Então com certeza deve conhecer Ernest, Lady Stutfield. Acho que é justo contar-lhe de antemão que ele não conversa de jeito nenhum.

LADY STUTFIELD - Adoro homens silenciosos.

MRS. ALLONBY - Oh, Ernest não é silencioso. Fala o tempo inteiro. Mas não conversa de jeito nenhum. Não sei sobre o que ele fala. Não o escuto há anos.

LADY STUTFIELD - Nunca o perdoou, então? Parece tão triste! Mas a vida toda é muito, muito triste, não é?

MRS. ALLONBY - A vida, Lady Stutfield, é apenas um mauvais quart d'heure - um mau momento - feito de momentos excelentes.

LADY STUTFIELD - Sim, há bons momentos, com certeza. Mas o que Mr. Allonby fez foi assim tão, tão errado? Ele ficou zangado com você e disse algo indelicado, ou que não fosse verdade?

MRS. ALLONBY - Oh, não! Ernest é sempre calmo. Essa é uma das razões pelas quais ele sempre me dá nos nervos. Nada é mais irritante do que a calma. Há algo positivamente cruel no bom temperamento de muitos homens modernos. Pergunto-me como nós, mulheres, suportamos isso tão bem.

LADY STUTFIELD - Sim, o bom temperamento dos homens mostra que não são tão sensíveis quanto nós, tão bem afinados. Muitas vezes isso cria uma grande barreira entre marido e mulher, não é? Mas gostaria tanto de saber o que foi que Mr. Allonby fez de errado!

MRS. ALLONBY - Bem, eu lhe contarei, se me prometer solenemente que vai contar para todo mundo.

LADY STUTFIELD - Obrigada, obrigada. Farei questão de repetir isso.

MRS. ALLONBY - Quando Ernest e eu estávamos noivos, ele me jurou de joelhos que nunca havia amado ninguém antes em toda a sua vida. Eu era muito jovem na época, por isso nem preciso lhe dizer que não acreditei nele. Infelizmente, porém, não fiz nenhuma investigação, até que estivesse casada de fato há quatro ou cinco meses. Descobri, então, que o que ele me contara era a pura verdade. E esse tipo de coisa torna um homem absolutamente desinteressante.

LADY HUNSTANTON - Meu Deus!

MRS. ALLONBY - Os homens sempre querem ser o primeiro amor de uma mulher. Essa é a sua pior vaidade. Nós, mulheres, temos um instinto mais sutil a respeito das coisas. Gostamos de ser o último amor de um homem.

LADY STUTFIELD - Entendo o que quer dizer. É muito, muito bonito.

LADY HUNSTANTON - Minha filha, não está querendo me dizer que não vai perdoar o seu marido porque ele nunca amou mais ninguém? Já ouviu uma coisa dessas, Caroline? Estou muito surpresa.

LADY CAROLINE - Oh, as mulheres têm tido uma educação tão elevada, Jane, que nada deve nos surpreender hoje em dia, exceto os casamentos felizes. Estes parecem estar se tornando extremamente raros.

MRS. ALLONBY - Oh, estão totalmente fora de moda.

LADY STUTFIELD - Exceto entre a classe média, me disseram.

MRS. ALLONBY - Parece bem coisa da classe média!

LADY STUTFIELD - Sim... Não é? Muito, muito parecido.

LADY CAROLINE - Se o que nos diz sobre a classe média é verdade, Lady Stutfield, resulta em grande parte para o crédito da própria classe média. É de se lamentar bastante que no nosso nível social a esposa persista tanto em ser frívola, sob a impressão, ao que parece, de que é o modo certo de ser. Atribuo a isso a infelicidade de muitos casamentos que todos nós conhecemos na sociedade.

MRS. ALLONBY - Sabe, Lady Caroline, eu não acho que a frivolidade da esposa tenha alguma coisa a ver com isso. Mais casamentos hoje em dia são arruinados pelo bom senso do marido do que por qualquer outra coisa. Como pode se esperar que uma mulher seja feliz com um homem que insiste em tratá-la como se ela fosse um ser perfeitamente racional?

LADY HUNSTANTON - Meu Deus!

MRS. ALLONBY - Homem, pobre, estranho, confiável, necessário, o homem pertence a um sexo que tem sido racional por milhões e milhões de anos. Eles não podem evitar. Está em sua raça. A História da Mulher é bem diferente. Temos sido sempre protestos divertidos contra a mera existência do senso comum. Vimos seus perigos desde o início.

LADY STUTFIELD - Sim, o senso comum dos maridos com certeza é muito, muito penoso. Diga-me qual é o seu conceito de Marido Ideal. Acho que seria muito, muito útil.

MRS. ALLONBY - O Marido Ideal? Não pode existir tal coisa. A instituição está errada.

LADY STUTFIELD - O Homem Ideal, então, em sua relação conosco.

LADY CAROLINE - Ele provavelmente seria muito realista.

MRS. ALLONBY - O Homem Ideal! Oh, o Homem Ideal falaria conosco como se fôssemos deusas, e nos trataria como se fôssemos crianças. Recusaria todos os nossos pedidos sérios, e satisfaria cada uma das nossas vontades. Ele nos encorajaria a ter caprichos e nos proibiria de ter objetivos. Sempre diria muito mais do que pretende, e sempre pretenderia muito mais do que diz.

LADY HUNSTANTON - Mas como ele poderia fazer as duas coisas, querida?

MRS. ALLONBY - Nunca perseguiria outras mulheres bonitas. Isso mostraria que não tem bom gosto, ou faria com que suspeitassem que tem bom gosto demais. Não, deve ser gentil a respeito de todas, mas dizer que, de alguma forma, elas não o atraem.

LADY STUTFIELD - Sim, é sempre muito, muito agradável ouvir isso sobre outras mulheres.

MRS. ALLONBY - Se lhe fazemos uma pergunta sobre qualquer coisa, ele deve nos responder só sobre nós mesmas. Deve sempre nos elogiar por qualquer qualidade que sabe que não temos. Mas deve ser impiedoso, muito impiedoso, ao nos censurar pelas virtudes que nunca sonharíamos em possuir. Não deve nunca acreditar que sabemos para que servem as coisas úteis. Seria imperdoável. Mas deve derramar sobre nós tudo aquilo que não queremos.

LADY CAROLINE - Até onde posso ver, ele não deve fazer nada senão pagar contas e distribuir elogios.

MRS. ALLONBY - Ele deve persistir em nos comprometer em público, e nos tratar com absoluto respeito quando estamos sozinhos. Mesmo assim deve estar sempre pronto para ter uma cena terrível, sempre que quisermos uma, e ficar infeliz, absolutamente infeliz, diante de uma notícia momentânea, e nos sobrecarregar de justas reprovações em menos de vinte minutos, e ser positivamente violento ao fim de meia hora, e nos deixar para sempre às quinze para as oito, quando temos que nos vestir para o jantar. E quando, depois disso, o tivermos visto realmente pela última vez, e ele tiver se recusado a pegar de volta as pequenas coisas que nos deu, e prometido nunca mais se comunicar conosco, nem nos escrever quaisquer cartas tolas, ele estaria com o coração totalmente partido, e nos telegrafaria durante todo o dia, e nos enviaria pequenos bilhetes a cada meia hora por um cabriolé particular, e jantaria sozinho no clube, para que todos soubessem o quanto ele estava infeliz. E depois de uma semana inteira de terror, durante a qual andaríamos por toda parte com nosso marido, só para mostrar o quanto estamos solitárias, poderíamos lhe dar um terceiro e último adeus, à noite, e então, se sua conduta tiver sido irrepreensível, e tivermos nos comportado de modo realmente mau para com ele, ele seria autorizado a admitir que esteve inteiramente errado, e quando admitisse isso, se tornaria um dever para a mulher perdoar, e se poderia fazer tudo de novo desde o início, com variações.

LADY HUNSTANTON - Como você é inteligente, minha querida! Não acredita em uma só palavra do que diz.

LADY STUTFIELD - Obrigada, obrigada. Foi muito, muito fascinante. Tentarei me lembrar de tudo. Há uma porção de detalhes que são muito, muito importantes.

LADY CAROLINE - Mas ainda não nos disse qual deve ser a recompensa do Homem Ideal.

MRS. ALLONBY - Sua recompensa? Oh, a eterna expectativa. É o bastante para ele.

LADY STUTFIELD - Mas os homens são terrivelmente, terrivelmente exigentes, não são?

MRS. ALLONBY - Isso não importa. Nunca devemos nos render.

LADY STUTFIELD - Nem para o Homem Ideal?

MRS. ALLONBY - Não para ele, certamente. A menos, é claro, que se queira ficar enjoada dele.

LADY STUTFIELD - Oh!... Sim. Estou entendendo. É muito, muito útil. Acha que algum dia encontrarei o Homem Ideal, Mrs. Allonby? Ou existe mais de um?

MRS. ALLONBY - Só existem quatro em Londres, Lady Stutfield.

LADY HUNSTANTON - Oh, meu Deus!

MRS. ALLONBY - (indo até ela) O que aconteceu? Diga-me.

LADY HUNSTANTON - (em voz baixa) Eu tinha esquecido completamente que a jovem americana estava na sala o tempo todo. Receio que essa conversa inteligente possa tê-la chocado um pouco.

MRS. ALLONBY - Ah, isso lhe fará um bem enorme!

LADY HUNSTANTON - Vamos esperar que ela não tenha entendido muita coisa. Acho que é melhor eu ir lá falar com ela. (levanta-se e vai até Hester Worsley) Bem, minha querida Miss Worsley. (senta-se ao lado dela) Como ficou tranquila no seu agradável cantinho esse tempo todo! Esteve lendo um livro, suponho? Há tantos livros aqui na biblioteca!

HESTER - Não, estive ouvindo a conversa.

LADY HUNSTANTON - Não deve acreditar em tudo o que foi dito, sabe disso, querida.

HESTER - Não acreditei em nada.

LADY HUNSTANTON - Fez muito bem, querida.

HESTER - (continuando) Não poderia acreditar que qualquer mulher realmente pudesse ter opiniões sobre a vida iguais a essas que ouvi esta noite de algumas convidadas suas. (uma pausa estranha)

LADY HUNSTANTON - Ouvi dizer que vocês têm uma sociedade muito agradável na América. Igual a nossa em alguns lugares, como me escreveu o meu filho.

HESTER - Há panelinhas na América como em outros lugares, Lady Hunstanton. Mas a verdadeira sociedade americana é constituída simplesmente por todas as boas mulheres e os bons homens que temos em nosso país.

LADY HUNSTANTON - Que sistema sensato, e muito agradável também, eu diria. Receio que na Inglaterra tenhamos muitas barreiras sociais artificiais. Não vemos tanto quanto deveríamos das classes média e baixa.

HESTER - Na América não temos a classe baixa.

LADY HUNSTANTON - É mesmo? Que arranjo estranho!

MRS. ALLONBY - Sobre o que essa menina horrível está falando?

LADY STUTFIELD - Ela é dolorosamente autêntica, não é?

LADY CAROLINE - Há muitas coisas importantes que vocês não têm na América, segundo me disseram, Miss Worsley. Dizem que lá não tem ruínas, e nem curiosidades.

MRS. ALLONBY - (para Lady Stutfield) Que absurdo! Eles têm suas mães e seus costumes.

HESTER - A aristocracia inglesa nos fornece as nossas curiosidades, Lady Caroline. Eles vem até nós em todos os verões, regularmente, nos navios a vapor, e nos propõem casamento um dia depois de desembarcarem. Quanto às ruínas, estamos tentando construir algo que irá durar mais do que tijolo ou pedra. (levanta-se para pegar o leque de cima da mesa)

LADY HUNSTANTON - O que é mesmo, querida? Ah, sim, uma exposição de ferro, não é, no lugar que tem o nome curioso?

HESTER - (parando ao lado da mesa) Estamos tentando construir a vida, Lady Hunstanton, em uma base melhor, mais pura, e mais verdadeira do que aquela que existe aqui.

Isso parece estranho para todas vocês, sem dúvida. Como poderia não parecer estranho? Vocês, os ricos da Inglaterra, não sabem como estão vivendo. Como poderiam saber? Excluíram da sua sociedade as pessoas gentis e as boas. Riem dos simples e dos puros. Vivendo, como todos fazem, nos outros e pelos outros, zombam do autossacrifício, e se atiram pão para os pobres, é apenas para mantê-los quietos por algum tempo. Com toda a sua pompa, riqueza e arte, não sabem como viver - nem mesmo sabem o que é isso. Amam a beleza que podem ver, tocar e sentir, a beleza que podem destruir, e destroem, mas da beleza invisível da vida, da beleza invisível de uma vida mais elevada, não sabem nada. Perderam o segredo da vida. Oh, a sua sociedade inglesa me parece superficial, egoísta, tola. Fechou seus olhos e tapou os ouvidos. Repousa como um leproso coberto de chagas. Jaz como uma coisa morta manchada de ouro. Está toda errada, toda errada.

LADY STUTFIELD - Não acho que se deveria saber sobre essas coisas. Não são muito, muito agradáveis, não é?

LADY HUNSTANTON - Minha querida Miss Worsley, pensei que gostasse bastante da sociedade inglesa. Fez tanto sucesso nela! E foi muito admirada pelas melhores pessoas. Esqueci por completo o que Lorde Henry Weston disse de você... mas foi algo muito lisonjeiro, e você sabe que ele é uma autoridade em beleza.

HESTER - Lorde Henry Weston! Lembro-me dele, Lady Hunstanton. Um homem com um sorriso abominável e um passado abominável. É convidado em toda parte. Nenhum jantar está completo sem ele. E o que é feito daquelas que devem sua ruína a ele? São párias. São anônimas. Se a senhora as encontrasse na rua, viraria a cabeça. Não reclamo da punição dessas pessoas. Que todas as mulheres que pecaram sejam punidas.

MRS. ARBUTHNOT ENTRA POR TRÁS, PELO TERRAÇO, USANDO UMA CAPA E UM VÉU DE RENDA SOBRE A CABEÇA. OUVE AS ÚLTIMAS PALAVRAS E ASSUSTA-SE.

LADY HUNSTANTON - Minha cara jovem!

HESTER - É justo que elas sejam punidas, mas não permitam que sejam as únicas a sofrer. Se um homem e uma mulher pecaram, deixem que ambos saiam para o deserto, para ali amar ou odiar um ao outro. Deixem que ambos sejam marcados. Ponham um estigma, se quiserem, em cada um, mas não castiguem um e deixem o outro livre. Não tenham uma lei para os homens e outra para as mulheres. São injustos com as mulheres, na Inglaterra. E até que considerem o que é uma vergonha em uma mulher como uma infâmia em um homem, sempre serão injustos, e o Certo, essa coluna de fogo, e o Errado, essa coluna de sombra, serão obscuros aos seus olhos, ou não serão vistos afinal, e se forem vistos, não serão considerados.

LADY CAROLINE - Eu poderia, cara Miss Worsley, já que está de pé, pedir-lhe o meu tecido que está bem atrás de você? Obrigada.

LADY HUNSTANTON - Minha querida Mrs. Arbuthnot! Estou tão feliz que tenha vindo! Mas não ouvi anunciarem seu nome.

MRS. ARBUTHNOT - Oh, entrei direto pelo terraço, Lady Hunstanton, eu estava ali. Mas não me contou que havia uma festa.

LADY HUNSTANTON - Não é uma festa. Só alguns convidados que estão hospedados na casa, e que deve conhecer. Permita-me. (tenta ajudá-la. Toca a sineta) Caroline, esta é Mrs. Arbuthnot, uma das minhas mais doces amigas. Lady Caroline Pontefract, Lady Stutfield, Mrs. Allonby, e minha jovem amiga americana, Miss Worsley, que acaba de nos dizer o quanto somos maus.

HESTER - Receio que pense que falei de modo muito violento, Lady Hunstanton. Mas há algumas coisas na Inglaterra...

LADY HUNSTANTON - Minha cara jovem, ousei dizer que havia um bocado de verdade naquilo que disse, e parecia muito linda ao dizê-lo, o que é muito mais importante, como diria Lorde Illingworth. O único ponto sobre o qual achei que foi um pouco dura foi sobre o irmão de Lady Caroline, o pobre Lorde Henry. Ele é de fato uma ótima companhia. (entra o lacaio) Pegue as coisas de Mrs. Arbuthnot.

SAI O LACAIO COM OS AGASALHOS.

HESTER - Lady Caroline, eu não fazia ideia que ele fosse seu irmão. Lamento pela dor que devo ter-lhe causado... Eu...

LADY CAROLINE - Minha cara Miss Worsley, a única parte do seu pequeno discurso, se posso chamá-lo assim, com a qual concordo inteiramente, é a parte sobre meu irmão. Nada do que possa dizer seria ruim demais para ele. Considero Henry infame, absolutamente infame. Mas sou obrigada a declarar, como você observou, Jane, que ele é ótima companhia, e tem um dos melhores cozinheiros de Londres. E depois de um bom jantar podemos perdoar qualquer um, até os nossos próprios parentes.

LADY HUNSTANTON - (para Miss Worsley) Agora venha cá, querida, e faça amizade com Mrs. Arbuthnot. Ela é uma das pessoas doces, boas e simples que você disse que nunca admitimos na sociedade. Lamento dizer que Mrs. Arbuthnot raramente vem me ver. Mas isso não é culpa minha.

MRS. ALLONBY - Que aborrecimento os homens demorarem tanto depois do jantar! Espero que estejam falando as coisas mais terríveis sobre nós.

LADY STUTFIELD - Acha isso mesmo?

MRS. ALLONBY - Estou certa disso.

LADY STUTFIELD - É muito, muito horrível da parte deles! Vamos para o terraço?

MRS. ALLONBY - Oh, qualquer coisa para ficar longe das matronas e das mal vestidas. (levanta-se e vai com Lady Stutfield para a porta da esquerda) Vamos só olhar as estrelas, Lady Hunstanton.

LADY HUNSTANTON - Vai ver que há muitas estrelas, querida, muitas mesmo. Mas não peguem um resfriado. (para Mrs. Arbuthnot) Todos sentiremos muito a falta de Gerald, querida Mrs. Arbuthnot.

MRS. ARBUTHNOT - Mas Lorde Illingworth realmente ofereceu a Gerald o cargo de secretário?

LADY HUNSTANTON - Oh, sim! Ele foi encantador a respeito do assunto. Tem a melhor opinião possível sobre o seu rapaz. Não conhece Lorde Illingworth, não é, querida?

MRS. ARBUTHNOT - Nunca o conheci.

LADY HUNSTANTON - Mas o conhece de nome, sem dúvida?

MRS. ARBUTHNOT - Receio que não. Vivo tão afastada do mundo, e vejo tão poucas pessoas. Lembro-me de ter ouvido, anos atrás, sobre um idoso Lorde Illingworth que viveu no Yorkshire, eu creio.

LADY HUNSTANTON - Ah, sim. Esse devia ser o penúltimo conde. Era um homem muito curioso. Queria se casar com alguém abaixo de sua posição. Ou não queria, creio. Houve algum falatório sobre isso. O atual Lorde Illingworth é bem diferente. É muito distinto. Ele faz... bem, ele não faz nada, o que eu temo que a nossa bela visitante americana aqui considere erradíssimo para qualquer pessoa, e não sei se ele se importa muito com os assuntos em que está tão interessada, querida Mrs. Arbuthnot. Você acha, Caroline, que Lorde Illingworth está interessado na habitação dos pobres?

LADY CAROLINE - Imagino que de modo nenhum, Jane.

LADY HUNSTANTON - Todos temos gostos diferentes, não é mesmo? Mas Lorde Illingworth tem uma posição muito elevada, e não há o que ele não consiga, se resolver se dedicar. É claro que ele ainda é relativamente jovem, e só herdou o título há... quanto tempo faz exatamente, Caroline, que Lorde Illingworth assumiu o título?

LADY CAROLINE - Cerca de quatro anos, eu acho, Jane. Sei que foi no mesmo ano em que meu irmão teve sua última foto publicada nos jornais noturnos.

LADY HUNSTANTON - Ah, agora me lembro. Foi há cerca de quatro anos. É claro que havia muita gente entre o atual Lorde Illingworth e o título, Mrs. Arbuthnot. Havia... quem havia mesmo, Caroline?

LADY CAROLINE - Havia o bebê da pobre Margaret. Você se lembra o quanto ela estava ansiosa para ter um menino, e era um menino, mas morreu, e seu marido morreu pouco depois. Ela se casou quase imediatamente com um dos filhos de Lorde Ascot, que, segundo me disseram, bate nela.

LADY HUNSTANTON - Ah, isso é da família, querida, é da família. E me lembro que havia também um clérigo que pretendia ser louco, ou um louco que pretendia ser clérigo, não me lembro qual, mas sei que o Supremo Tribunal de Justiça investigou o assunto e decidiu que ele era perfeitamente são. Eu o vi depois na casa do pobre Lorde Plumstead, com palha nos cabelos, ou com alguma outra coisa muito esquisita. Não me lembro o quê. Muitas vezes lamento, Lady Caroline, que a querida Lady Cecília não tenha vivido para ver seu filho herdar o título.

MRS. ARBUTHNOT - Lady Cecília?

LADY HUNSTANTON - A mãe de Lorde Illingworth, querida Mrs. Arbuthnot, era uma das belas filhas da duquesa de Jerningham, e casou-se com Sir Thomas Harford, que não era considerado um partido muito bom para ela na época, embora dissessem que era o homem mais bonito de Londres. Conheci todos intimamente, e ambos os filhos, Arthur e George.

MRS. ARBUTHNOT - Foi o filho mais velho que herdou o título, sem dúvida, Lady Hunstanton?

LADY HUNSTANTON - Não, querida, ele foi morto em uma caçada. Ou foi em uma pescaria, Caroline? Eu esqueço. Mas George herdou tudo. Eu sempre lhe digo que nenhum outro filho mais novo teve tanta sorte quanto ele.

MRS. ARBUTHNOT - Lady Hunstanton, gostaria de falar com Gerald de uma vez. Posso vê-lo? Ele pode ser chamado?

LADY HUNSTANTON - Certamente, querida, mandarei um dos criados à sala de jantar para buscá-lo. Não sei o que está atrasando tanto os cavalheiros. (toca a sineta) Quando conheci Lorde Illingworth, primeiro como o simples George Harford, ele era só um jovem brilhante na cidade, sem um centavo sequer, exceto o que a pobre Lady Cecília lhe deu. Ela era muito devotada a ele. Principalmente, imagino, porque ele não se entendia bem com o pai. Oh, aqui está o caro arcebispo. (para o criado) Não tem importância.

ENTRAM SIR JOHN E DR. DAUBENY. SIR JOHN DIRIGE-SE A LADY STUTFIELD, E DR. DAUBENY A LADY HUNSTANTON.

O ARCEBISPO - Lorde Illingworth foi muito divertido. Nunca me diverti tanto. (vê Mrs. Arbuthnot) Ah, Mrs. Arbuthnot!

LADY HUNSTANTON - (para Dr. Daubeny) Está vendo que finalmente consegui que Mrs. Arbuthnot viesse me ver.

O ARCEBISPO - É uma grande honra, Lady Hunstanton. Mrs. Daubeny sentirá muitos ciúmes da senhora.

LADY HUNSTANTON - Ah, sinto muito que Mrs. Daubeny não possa ter vindo com o senhor esta noite. Dor de cabeça, como de costume, suponho.

O ARCEBISPO - Sim, Lady Hunstanton, uma verdadeira mártir. Mas ela está mais feliz sozinha. Está mais feliz sozinha.

LADY CAROLINE - (para o marido) John! (Sir John vai até a esposa. Dr. Daubeny conversa com Lady Hunstanton e Mrs. Arbuthnot)

MRS. ARBUTHNOT OBSERVA LORDE ILLINGWORTH O TEMPO TODO. ELE HAVIA PASSADO PELO SALÃO SEM NOTÁ-LA, E SE APROXIMA DE MRS. ALLONBY, QUE, COM LADY STUTFIELD, ESTÁ PARADA JUNTO À PORTA, OLHANDO PARA O TERRAÇO.

LORDE ILLINGWORTH - Como está a mulher mais encantadora do mundo?

MRS. ALLONBY - (tomando Lady Stutfield pela mão) Estamos ambas muito bem, obrigada, Lorde Illingworth. Mas como ficaram pouco na sala de jantar! Parece que recém saímos de lá.

LORDE ILLINGWORTH - Eu quase morri de tédio. Não abri a boca o tempo todo. Estava absolutamente ansioso para vir até aqui.

MRS. ALLONBY - Pois devia. A garota americana esteve nos dando uma lição de moral.

LORDE ILLINGWORTH - É mesmo? Todos os americanos dão lições de moral, eu creio. Suponho que seja algo no clima. Sobre o que ela pregou moral?

MRS. ALLONBY - Oh, puritanismo, é claro.

LORDE ILLINGWORTH - Eu vou convertê-la, não vou? Quanto tempo me dá?

MRS. ALLONBY - Uma semana.

LORDE ILLINGWORTH - Uma semana é mais do que suficiente.

ENTRAM GERALD E LORDE ALFRED.

GERALD - (dirigindo-se a Mrs. Arbuthnot) Querida mãe!

MRS. ARBUTHNOT - Gerald, não me sinto nada bem. Nos vemos em casa, Gerald. Eu

não devia ter vindo.

GERALD - Sinto muito, mãe. Certamente. Mas primeiro tem que conhecer Lorde Illingworth. (atravessa a sala)

MRS. ARBUTHNOT - Não esta noite, Gerald.

GERALD - Lorde Illingworth, queria muito que conhecesse minha mãe.

LORDE ILLINGWORTH - Com o maior prazer. (para Mrs. Allonby) Estarei de volta em um momento. As mães das pessoas sempre me aborrecem ao extremo. Todas as mulheres ficam iguais às mães. Essa é a sua tragédia.

MRS. ALLONBY - E os homens não ficam. Essa é a deles.

LORDE ILLINGWORTH - Que humor delicioso o seu esta noite!

Vira-se e vai com Gerald até Mrs. Arbuthnot. Quando ele a vê, recua assustado. Seus olhos então se voltam lentamente para Gerald.

GERALD - Mãe, este é Lorde Illingworth, que me convidou para ser seu secretário particular. (Mrs. Arbuthnot inclina a cabeça com frieza) É uma oportunidade maravilhosa para mim, não é? Só espero que ele não fique desapontado comigo. Vai agradecer a Lorde Illingworth, mãe, não vai?

MRS. ARBUTHNOT - Tenho certeza que é muita bondade de Lorde Illingworth interessar-se por você no momento.

LORDE ILLINGWORTH - (colocando a mão no ombro de Gerald) Oh, Gerald e eu já somos grandes amigos, Mrs... Arbuthnot.

MRS. ARBUTHNOT - Não pode haver nada em comum entre o senhor e o meu filho, Lorde Illingworth.

GERALD - Querida mãe, como pode dizer isso? É claro que Lorde Illingworth é extremamente inteligente, e coisas desse tipo. Não há nada que Lorde Illingworth não saiba.

LORDE ILLINGWORTH - Meu caro rapaz!

GERALD - Ele sabe mais sobre a vida do que qualquer um que já conheci. Sinto-me um completo fracasso quando estou com o senhor, Lorde Illingworth. É claro, tive muito poucos benefícios. Não frequentei Eton, ou Oxford, como outros rapazes. Mas parece que Lorde Illingworth não se importa com isso. Ele tem sido muito bom para mim, mãe.

MRS. ARBUTHNOT - Lorde Illingworth pode mudar de ideia. Ele pode não querer realmente você como seu secretário.

GERALD - Mãe!

MRS. ARBUTHNOT - Deve se lembrar que, como você mesmo disse, teve muito poucos benefícios.

MRS. ALLONBY - Lorde Illingworth, quero falar com o senhor por um momento. Por favor venha cá.

LORDE ILLINGWORTH - Dar-me-ia licença, Mrs. Arbuthnot? Bem, não deixe sua encantadora mãe criar mais dificuldades, Gerald. Já está tudo resolvido, não é?

GERALD - Espero que sim.

LORDE ILLINGWORTH VAI ATÉ MRS. ALLONBY.

MRS. ALLONBY - Pensei que nunca ia deixar a dama de veludo negro.

LORDE ILLINGWORTH - Ela é extremamente bonita. (olha para Mrs. Arbuthnot)

LADY HUNSTANTON - Caroline, vamos todos nos dirigir à sala de música? Miss Worsley vai tocar. Você virá também, querida Mrs. Arbuthnot, não é? Não sabe o prazer que a espera. (para Dr. Daubeny) Preciso realmente levar Miss Worsley até a paróquia uma tarde dessas. Gostaria tanto que a querida Mrs. Daubeny a ouvisse tocar violino! Ah, eu esqueci. A audição da querida Mrs. Daubeny é um pouco deficiente, não é?

O ARCEBISPO - Sua surdez é uma grande privação para ela. Não pode ouvir nem mesmo os meus sermões, agora. Ela os lê em casa. Mas minha esposa possui muitos recursos dentro de si, muitos recursos.

LADY HUNSTANTON - Ela lê bastante, suponho?

O ARCEBISPO - Só as letras mais graúdas. Sua visão está acabando rapidamente. Mas ela nunca fica triste, nunca fica triste.

GERALD - (para Lorde Illingworth) Fale com minha mãe, Lorde Illingworth, antes de ir para a sala de música. Ela parece pensar que, de algum modo, o senhor não pretende de fato fazer que me disse.

MRS. ALLONBY - Os senhores não vêm?

LORDE ILLINGWORTH - Dentro de alguns minutos. Lady Hunstanton, gostaria de dizer algumas palavras a Mrs. Arbuthnot, se ela permitir, e nós a encontraremos mais tarde.

LADY HUNSTANTON - Ah, é claro. Tem muito que dizer a ela, e ela terá muito a lhe agradecer. Não é qualquer filho que recebe uma oportunidade assim, Mrs. Arbuthnot. Mas sei que aprecia isso, querida.

LADY CAROLINE - John!

LADY HUNSTANTON - Mas não prenda Mrs. Arbuthnot por muito tempo, Lorde Illingworth. Não podemos dispensá-la.

SAI, SEGUINDO OS DEMAIS CONVIDADOS. OUVI-SE O SOM DE VIOLINO NA SALA DE MÚSICA.

LORDE ILLINGWORTH - Então esse é o nosso filho, Rachel! Bem, estou muito orgulhoso dele. Ele é um Harford, cada parte dele. A propósito, por que Arbuthnot, Rachel?

MRS. ARBUTHNOT - Um nome é tão bom quanto outro, quando não se tem direito a nome algum.

LORDE ILLINGWORTH - Acho que sim... mas por que Gerald?

MRS. ARBUTHNOT - Em homenagem a um homem cujo coração parti... meu pai.

LORDE ILLINGWORTH - Bem, Rachel, o que passou, passou. Tudo que tenho a dizer agora é que estou muito, muito satisfeito com o nosso menino. O mundo vai conhecê-lo apenas como meu secretário particular, mas para mim ele será alguém muito próximo e muito querido. É uma coisa curiosa, Rachel, mas minha vida parecia estar completa. Não era assim. Faltava alguma coisa, faltava um filho. Encontrei meu filho, agora, e estou feliz por tê-lo encontrado.

MRS. ARBUTHNOT - Não tem o direito de reivindicá-lo, nem a menor parte dele. O menino é inteiramente meu, e continuará sendo meu.

LORDE ILLINGWORTH - Minha querida Rachel, você o teve para si por mais de vinte anos. Por que não me deixa tê-lo um pouco agora? Ele é tão meu quanto seu.

MRS. ARBUTHNOT - Está falando do filho que você abandonou? Do filho que, no que lhe diz respeito, poderia ter morrido de fome ou de pobreza?

LORDE ILLINGWORTH - Você se esquece, Rachel, que foi você quem me deixou. Não fui eu que a deixei.

MRS. ARBUTHNOT - Eu o deixei porque você se recusou a dar um nome à criança. Eu lhe implorei que casasse comigo, antes que meu filho nascesse.

LORDE ILLINGWORTH - Eu não tinha um futuro, na época. Além disso, Rachel, eu não era muito mais velho do que você. Tinha apenas vinte e dois anos. Tinha vinte e um, eu acho, quando a coisa toda começou, no jardim do seu pai.

MRS. ARBUTHNOT - Quando um homem tem idade suficiente para fazer o errado, deve ter idade suficiente para fazer o certo, também.

LORDE ILLINGWORTH - Minha querida Rachel, generalidades intelectuais são sempre interessantes, mas generalidades morais não significam absolutamente nada. Quanto a dizer que deixei nosso filho morrendo de fome, isso, é claro, é falso e tolo. Minha mãe lhe ofereceu seiscentas libras por ano. Mas você não quis nada. Simplesmente desapareceu, e carregou a criança com você.

MRS. ARBUTHNOT - Eu não teria aceitado um centavo dela. Seu pai era diferente. Ele lhe disse, na minha presença, quando estávamos em Paris, que era seu dever casar comigo.

LORDE ILLINGWORTH - Oh, o dever é apenas o que se espera dos outros, não o que nós mesmos fazemos. É claro que fui influenciado por minha mãe. Todo homem é, quando jovem.

MRS. ARBUTHNOT - Fico contente de ouvi-lo dizer isso. Gerald com certeza não irá embora com você.

LORDE ILLINGWORTH - Que absurdo, Rachel!

MRS. ARBUTHNOT - Acha que eu permitiria que meu filho...

LORDE ILLINGWORTH - Nosso filho.

MRS. ARBUTHNOT - Meu filho... (Lorde Illingworth dá de ombros) fosse embora com o homem que estragou a minha juventude, que arruinou a minha vida, que manchou cada momento dos meus dias? Você não se dá conta do que foi o meu passado, em termos de sofrimento e vergonha.

LORDE ILLINGWORTH - Minha querida Rachel, devo lhe dizer honestamente que acho o futuro de Gerald muito mais importante do que o seu passado.

MRS. ARBUTHNOT - Gerald não pode separar o seu futuro do meu passado.

LORDE ILLINGWORTH - É exatamente isso o que ele deveria fazer. É exatamente isso o que você deveria ajudá-lo a fazer. Você é uma mulher típica! Fala de modo sentimental, mas é completamente egoísta o tempo todo. Mas não vamos fazer uma cena. Rachel, quero que olhe para esta questão do ponto de vista do bom senso, do ponto de vista do que é melhor para o nosso filho, deixando a mim e a você de fora. O que é o nosso filho no momento? Um funcionário mal pago, em um pequeno banco de província, em uma cidadezinha inglesa de terceira categoria. Se acha que ele está muito feliz em um cargo como esse, está enganada. Ele está totalmente descontente.

MRS. ARBUTHNOT - Ele não estava descontente até conhecer você. Você o tornou assim.

LORDE ILLINGWORTH - É claro que tornei. O descontentamento é o primeiro passo para o progresso de um homem ou de uma nação. Mas não o deixei apenas com um mero desejo pelas coisas que não podia ter. Não, eu lhe fiz uma encantadora oferta de emprego. Nem preciso dizer que ele se atirou a ela. Qualquer jovem o faria. E agora, só porque se descobriu que eu sou o próprio pai do rapaz, e que ele é meu próprio filho, você praticamente se propõe a arruinar sua carreira. Isto é, se eu fosse um perfeito estranho, deixaria Gerald ir embora comigo, mas como ele é minha própria carne e sangue, você não permite. Como você é incoerente!

MRS. ARBUTHNOT - Não permitirei que ele vá.

LORDE ILLINGWORTH - Como pode impedir? Que desculpa pode lhe dar para fazê-lo recusar uma oferta como a minha? Não vou contar a ele sobre sua relação comigo, nem preciso dizer. Mas você também não tem coragem de contar. Sabe disso. Veja como você o criou.

MRS. ARBUTHNOT - Eu o criei para ser um bom homem.

LORDE ILLINGWORTH - Exato. E qual é o resultado? Educou-o para ser o seu juiz, se um dia ele vier a descobrir. E ele será um juiz severo e injusto para com você. Não se deixe enganar, Rachel. Os filhos começam amando seus pais. Depois de um tempo, eles os julgam. E raramente, ou nunca, os perdoam.

MRS. ARBUTHNOT - George, não tire meu filho de mim. Tive vinte anos de tristeza, e só tive uma coisa a quem amar, só uma coisa que me amasse. Você teve uma vida de alegria, prazer e sucesso. Foi muito feliz, nunca pensou em nós. Não havia nenhuma razão, de acordo com a sua visão de vida, para que alguma vez se lembrasse de nós. Ter nos encontrado foi um simples acidente, um acidente terrível. Esqueça-o. Não venha agora me roubar... tudo o que possuo neste mundo. Você é tão rico de outras coisas! Deixe-me a pequena vinha da minha vida; deixe-me o jardim murado e o poço de água; a ovelhinha que Deus me enviou, por piedade ou por ira. Oh! Deixe isso para mim, George. Não me tire Gerald.

LORDE ILLINGWORTH - Rachel, no momento você não é necessária para a carreira de Gerald. Eu sou. Não há mais nada a ser dito sobre o assunto.

MRS. ARBUTHNOT - Não permitirei que ele vá.

LORDE ILLINGWORTH - Aí está Gerald. Ele tem o direito de decidir por si mesmo.

ENTRA GERALD.

GERALD - Bem, querida mãe, já resolveu tudo com Lorde Illingworth?

MRS. ARBUTHNOT - Não, Gerald.

LORDE ILLINGWORTH - Sua mãe parece que não deseja que venha comigo, por alguma razão.

GERALD - Por que, mãe?

MRS. ARBUTHNOT - Achei que fosse bastante feliz aqui comigo, Gerald. Não sabia que estava tão ansioso para me deixar.

GERALD - Mãe, como pode falar assim? Claro que tenho sido muito feliz com você. Mas um homem não pode ficar sempre com sua mãe. Nenhum rapaz fica. Quero ter uma boa posição, fazer alguma coisa. Pensei que ficaria orgulhosa de me ver como secretário de Lorde Illingworth.

MRS. ARBUTHNOT - Não acho que você seria adequado para secretário particular de Lorde Illingworth. Não possui qualificações.

LORDE ILLINGWORTH - Não quero que pense, por um momento, que estou interferindo, Mrs. Arbuthnot, mas no que se refere à sua última objeção, eu com certeza sou o melhor juiz. E só posso lhe dizer que seu filho tem todas as qualificações que eu esperava. Ele tem mais, na verdade, do que jamais pensei. Muito mais. (Mrs. Arbuthnot permanece em silêncio) Tem alguma outra razão, Mrs. Arbuthnot, para não desejar que seu filho aceite essa função?

GERALD - Tem, mãe? Por favor, responda.

LORDE ILLINGWORTH - Se tem, Mrs. Arbuthnot, por favor, por favor, diga. Estamos sozinhos aqui. Seja o que for, não preciso dizer que não contarei a ninguém.

GERALD - Mãe?

LORDE ILLINGWORTH - Se quiser ficar sozinha com seu filho, eu os deixarei. Pode ter alguma outra razão que não queira que eu saiba.

MRS. ARBUTHNOT - Não tenho nenhuma outra razão.

LORDE ILLINGWORTH - Então, meu caro rapaz, podemos considerar a coisa resolvida. Venha, você e eu vamos fumar um cigarro juntos no terraço. E, Mrs. Arbuthnot, permita-me dizer-lhe que acho que agiu de forma muito, muito sábia.

SAI COM GERALD. MRS. ARBUTHNOT FICA SOZINHA. PERMANECE IMÓVEL, COM UM OLHAR DE INDIZÍVEL TRISTEZA NO ROSTO.

FIM DO ATO II

ATO III

GALERIA DE QUADROS EM HUNSTANTON CHASE. PORTA NOS FUNDOS LEVANDO AO TERRAÇO. LORDE ILLINGWORTH E GERALD. LORDE ILLINGWORTH RECONDADO EM UM SOFÁ, GERALD EM UMA CADEIRA.

LORDE ILLINGWORTH - Mulher extremamente sensata a sua mãe, Gerald. Eu sabia que ela mudaria de opinião no final.

GERALD - Minha mãe é muito conscienciosa, Lorde Illingworth, e sei que ela acha que não sou educado o suficiente para ser seu secretário. E tem toda razão. Eu era muito preguiçoso quando estava na escola, e não poderia passar em um exame agora, nem para salvar a minha vida.

LORDE ILLINGWORTH - Meu caro Gerald, exames não tem valor algum, sejam quais forem. Se um homem é um cavalheiro, sabe o bastante, e se não é um cavalheiro, tudo o que sabe lhe é prejudicial.

GERALD - Mas sou tão ignorante do mundo, Lorde Illingworth!

LORDE ILLINGWORTH - Não tenha receio, Gerald. Lembre-se de que tem ao seu lado a coisa mais maravilhosa do mundo - a juventude! Não há nada como a juventude. As pessoas de meia-idade têm uma hipoteca com a vida. Os velhos estão no quarto de despejo da vida. Mas a juventude é a dona da vida. Tem um reino esperando por ela. Todos nascem reis, e a maioria morre no exílio, como muitos reis. Não há nada que eu não faria para ter de volta a minha juventude, Gerald... exceto fazer exercícios, levantar cedo, ou ser um membro útil da comunidade.

GERALD - Mas o senhor não se considera velho, não é, Lorde Illingworth?

LORDE ILLINGWORTH - Sou velho o bastante para ser seu pai, Gerald.

GERALD - Não me lembro do meu pai; ele morreu anos atrás.

LORDE ILLINGWORTH - Foi o que Lady Hunstanton me disse.

GERALD - É muito estranho, minha mãe nunca me fala do meu pai. Eu às vezes acho que ela se casou abaixo de sua posição.

LORDE ILLINGWORTH - (estremece levemente) É mesmo? (vai até Gerald e coloca a mão no seu ombro) Suponho que sentiu falta de ter um pai, Gerald?

GERALD - Oh, não, minha mãe foi muito boa para mim. Ninguém jamais teve uma mãe como a minha.

LORDE ILLINGWORTH - Tenho certeza disso. Mesmo assim, imagino que a maioria das mães não entende muito bem os filhos. Quero dizer, não percebem que um filho tem ambições, tem desejo de conhecer a vida, de fazer seu nome. Afinal, Gerald, não se poderia esperar que passasse toda a sua vida em um buraco como Wrockley, não é?

GERALD - Oh, não! Seria terrível!

LORDE ILLINGWORTH - O amor de uma mãe é muito tocante, é claro, mas muitas vezes é curiosamente egoísta. Isto é, tem uma boa dose de egoísmo em si.

GERALD - (lentamente) Suponho que sim.

LORDE ILLINGWORTH - Sua mãe é uma mulher muito boa. Mas as boas mulheres têm essa visão limitada da vida, seu horizonte é tão pequeno, seus interesses tão insignificantes, não acha?

GERALD - Elas com certeza se interessam bastante por coisas a que não damos muita importância.

LORDE ILLINGWORTH - Suponho que sua mãe seja muito religiosa, e esse tipo de coisa.

GERALD - Oh, sim, ela está sempre indo à igreja.

LORDE ILLINGWORTH - Ah! Ela não é moderna, e ser moderno é a única coisa que vale a pena ser hoje em dia. Você quer ser moderno, não é, Gerald? Quer conhecer a vida como ela realmente é. Não quer que lhe impinjam alguma teoria antiquada sobre a vida. Bem, o que precisa fazer no momento é simplesmente encaixar-se na melhor sociedade. Um homem que pode dominar um jantar formal em Londres, pode dominar o mundo. O futuro pertence aos dândis. São os requintados que estão ditando as regras.

GERALD - Eu gostaria muitíssimo de vestir coisas bonitas, mas sempre me disseram que um homem não deve pensar muito sobre suas roupas.

LORDE ILLINGWORTH - As pessoas hoje em dia são tão superficiais que não entendem a filosofia do superficial. A propósito, Gerald, você deve aprender a amarrar melhor a sua gravata. O sentimento fica muito bem para a flor de lapela. Mas o essencial para uma gravata é o estilo. Uma gravata bem amarrada é o primeiro passo sério na vida.

GERALD - (rindo) Posso ser capaz de aprender como amarrar uma gravata, Lorde Illingworth, mas nunca serei capaz de falar como o senhor. Não sei como falar.

LORDE ILLINGWORTH - Oh! Converse com cada mulher como se a amasse, e com cada homem como se ele o entediasse, e ao final da sua primeira temporada na sociedade terá a reputação de possuir o mais perfeito tato social.

GERALD - Mas é muito difícil entrar na sociedade, não é?

LORDE ILLINGWORTH - Para entrar na melhor sociedade, hoje em dia, é preciso satisfazer as pessoas, ou divertir as pessoas, ou chocar as pessoas - apenas isso!

GERALD - Imagino que a sociedade seja uma coisa maravilhosa!

LORDE ILLINGWORTH - Estar dentro dela é só uma chateação. Mas estar fora dela é simplesmente uma tragédia. A sociedade é uma coisa necessária. Homem algum tem realmente sucesso neste mundo se não tiver mulheres a sua volta, e as mulheres ditam as regras na sociedade. Se você não tiver as mulheres ao seu lado, estará liquidado. É melhor então ser logo um advogado, ou um corretor de ações, ou um jornalista.

GERALD - É muito difícil entender as mulheres, não é?

LORDE ILLINGWORTH - Nunca deve tentar entendê-las. As mulheres são pinturas, os homens são problemas. Se quiser saber o que uma mulher realmente está querendo dizer - o que, aliás, é sempre uma coisa perigosa de se fazer - olhe para ela, em vez de escutá-la.

GERALD - Mas as mulheres são muito inteligentes, não são?

LORDE ILLINGWORTH - É o que sempre se deve dizer a elas. Mas, para o filósofo, meu caro Gerald, as mulheres representam o triunfo da matéria sobre o espírito - assim como os homens representam o triunfo do espírito sobre a moral.

GERALD - Como, então, as mulheres têm tanto poder quanto o senhor diz que têm?

LORDE ILLINGWORTH - A história das mulheres é a história da pior forma de tirania que o mundo já conheceu. A tirania do fraco sobre o forte. É a única tirania que perdura.

GERALD - Mas as mulheres não têm uma influência purificante?

LORDE ILLINGWORTH - Nada é purificante, exceto o intelecto.

GERALD - Ainda assim existem vários tipos de mulheres, não é?

LORDE ILLINGWORTH - Na sociedade só há dois: as preto e branco e as coloridas.

GERALD - Mas há mulheres boas na sociedade, não há?

LORDE ILLINGWORTH - Muitíssimas.

GERALD - O senhor acha que as mulheres não devem ser boas?

LORDE ILLINGWORTH - Não se deve dizer isso a elas, ou todas se tornariam boas de repente. As mulheres são um sexo premeditado, o que é fascinante. Toda mulher é uma rebelde, e geralmente em feroz revolta contra si mesma.

GERALD - Nunca foi casado, então, Lorde Illingworth?

LORDE ILLINGWORTH - Os homens se casam porque estão cansados; as mulheres porque são curiosas. Ambos acabam decepcionados.

GERALD - Mas o senhor não acha que se pode ser feliz no casamento?

LORDE ILLINGWORTH - Perfeitamente feliz. Mas a felicidade de um homem casado, meu caro Gerald, depende das pessoas com quem ele não se casou.

GERALD - E se estivermos apaixonados?

LORDE ILLINGWORTH - Deve-se estar apaixonado sempre. Essa é a razão por que nunca se deve casar.

GERALD - O amor é uma coisa maravilhosa, não é?

LORDE ILLINGWORTH - Quando alguém está apaixonado, começa enganando a si mesmo. E acaba por enganar os outros. Isso é o que o mundo chama de um romance. Mas uma grande paixão, verdadeira, é relativamente rara hoje em dia. É privilégio das pessoas que não tem nada a fazer. É a única utilidade das classes ociosas em um país, e a única explicação possível para nós, os Harford.

GERALD - Os Harford, Lorde Illingworth?

LORDE ILLINGWORTH - Esse é meu nome de família. Devia estudar o Livro da Nobreza, Gerald. É o único livro que um rapaz na cidade deve conhecer a fundo e o melhor que a ficção inglesa já produziu. E agora, Gerald, você vai começar uma vida inteiramente nova comigo, e quero que saiba como viver. (Mrs. Arbuthnot aparece no terraço, ao fundo) Pois o mundo foi feito pelos tolos para que os sábios vivam nele!

ENTRAM LADY HUNSTANTON E DR. DAUBENY.

LADY HUNSTANTON - Ah! Aí está o senhor, caro Lorde Illingworth. Bem, suponho que esteve dizendo ao nosso jovem amigo Gerald quais devem ser as suas novas obrigações, e lhe dado um bocado de bons conselhos enquanto saboreiam um cigarro.

LORDE ILLINGWORTH - Eu lhe dei os melhores conselhos, Lady Hunstanton, e os melhores cigarros.

LADY HUNSTANTON - Lamento tanto não ter estado aqui para ouvi-lo, mas acho que estou velha demais para aprender agora. A não ser do senhor, caro arcebispo, quando está no seu belo púlpito. Mas sempre sei o que o senhor vai dizer, então não fico alarmada. (Vê Mrs. Arbuthnot) Ah, querida Mrs. Arbuthnot, venha juntar-se a nós. Venha, querida. (entra Mrs. Arbuthnot) Gerald esteve conversando longamente com Lorde Illingworth. Estou certa de que você deve sentir-se muito orgulhosa com o modo agradável como as coisas acabaram para ele. Vamos sentar. (sentam-se) E como vai indo o seu belo bordado?

MRS. ARBUTHNOT - Estou sempre trabalhando, Lady Hunstanton.

LADY HUNSTANTON - Mrs. Daubeny também borda um pouco, não é?

O ARCEBISPO - Ela já foi muito hábil com a agulha uma vez, uma verdadeira Dorcas. Mas a gota entortou bastante os seus dedos. Ela não tocou em um bastidor por nove ou dez anos. Mas ela tem muitos outros passatempos. Está muito interessada em sua própria saúde.

LADY HUNSTANTON - Ah! Essa é sempre uma distração agradável, não é? Mas sobre o que estava falando, Lorde Illingworth? Conte-nos.

LORDE ILLINGWORTH - Eu estava a ponto de explicar a Gerald que o mundo sempre riu das suas próprias tragédias, que é o único modo de conseguir suportá-las. E que, por consequência, tudo o que o mundo tratou seriamente pertence ao lado cômico das coisas.

LADY HUNSTANTON - Agora não entendo mais nada. Sempre fico assim, quando Lorde Illingworth diz alguma coisa. E a sociedade humana é muito descuidada. Nunca vêm me resgatar. Deixam que eu me afogue. Tenho uma vaga ideia, caro Lorde Illingworth, que o senhor está sempre do lado dos pecadores e eu sei que tento sempre estar do lado dos santos, mas isso é o máximo que consigo. Afinal, pode ser apenas a imaginação de uma afogada.

LORDE ILLINGWORTH - A única diferença entre um santo e um pecador, é que todo santo tem um passado, e todo pecador tem um futuro.

LADY HUNSTANTON - Ah! Já basta para mim. Não tenho nada a dizer. A senhora e eu, querida Mrs. Arbuthnot, estamos atrasadas. Não podemos acompanhar Lorde Illingworth. Receio que tenham tomado cuidado demais com a nossa educação. Ter sido bem-educada é uma grande desvantagem hoje em dia. Nos afasta de tudo.

MRS. ARBUTHNOT - Eu lamentaria acompanhar Lorde Illingworth em qualquer das suas opiniões.

LADY HUNSTANTON - Tem toda a razão, querida.

GERALD DÁ DE OMBROS E OLHA IRRITADO PARA A MÃE. ENTRA LADY CAROLINE.

LADY CAROLINE - Jane, você viu John em algum lugar?

LADY HUNSTANTON - Não precisa se preocupar com ele, querida. Ele está com Lady Stutfield. Eu os vi há pouco no Salão Amarelo. Pareciam muito felizes juntos. Não vai ainda, não é, Caroline? Por favor, sente-se.

LADY CAROLINE - Acho que é melhor procurar por John.

SAI LADY CAROLINE.

LADY HUNSTANTON - Não é bom dar tanta atenção assim aos homens. E Caroline realmente não tem nenhum motivo para se alarmar. Lady Stutfield é muito simpática. É tão simpática com uma coisa quanto com outra. Uma bela natureza. (entram Sir John e Mrs.

Allonby) Ah! Aí está Sir John! E com Mrs. Allonby! Achei que era com Mrs. Allonby que eu o tinha visto. Sir John, Caroline esteve procurando o senhor por toda parte.

MRS. ALLONBY - Estávamos esperando por ela na sala de música, querida Lady Hunstanton.

LADY HUNSTANTON - Ah! Na sala de música, é claro. Achei que tinha sido no Salão Amarelo, minha memória está ficando tão falha! (para o arcebispo) Mrs. Daubeny tem uma memória prodigiosa, não tem?

O ARCEBISPO - Ela costumava ser bastante conhecida por sua memória, mas desde o seu último ataque lembra-se principalmente dos eventos da sua primeira infância. Mas ela encontra grande prazer nesse retrospecto, grande prazer.

ENTRAM LADY STUTFIELD E MR. KELVIL.

LADY HUNSTANTON - Ah! Querida Lady Stutfield! E sobre o que Mr. Kelvil esteve conversando com você?

LADY STUTFIELD - Sobre o bimetalismo, se me lembro bem.

LADY HUNSTANTON - Bimetalismo! E esse é um assunto agradável? Embora eu saiba que as pessoas discutem tudo com muita liberdade hoje em dia. Sobre o que Sir John conversou com você, querida Mrs. Allonby?

MRS. ALLONBY - Sobre a Patagônia.

LADY HUNSTANTON - É mesmo? Que assunto remoto! Mas muito educativo, não há dúvida.

MRS. ALLONBY - Ele falou de modo muito interessante sobre o tema da Patagônia. Os selvagens parecem ter os mesmos pontos de vista das pessoas civilizadas em quase todos os assuntos. São extremamente avançados.

LADY HUNSTANTON - O que eles fazem?

MRS. ALLONBY - Aparentemente tudo.

LADY HUNSTANTON - Bem, é muito gratificante, caro arcebispo, descobrir que a natureza é sempre a mesma, não acha? No geral, o mundo é o mesmo, não é?

LORDE ILLINGWORTH - O mundo é dividido simplesmente em duas classes - aqueles que acreditam no inacreditável, como o público, e aqueles que fazem o improvável...

MRS. ALLONBY - Como o senhor?

LORDE ILLINGWORTH - Sim. Estou sempre me surpreendendo. É a única coisa que faz a vida valer a pena.

LADY STUTFIELD - E o que o senhor tem feito ultimamente que o surpreendeu?

LORDE ILLINGWORTH - Tenho descoberto todo tipo de belas qualidades na minha própria natureza.

MRS. ALLONBY - Ah! Não se torne perfeito de uma vez só. Faça isso aos poucos!

LORDE ILLINGWORTH - Não tenho a intenção de me tornar perfeito, em absoluto. Pelo menos, espero que não. Seria muito inconveniente. As mulheres nos amam pelos nossos defeitos. Se tivermos um número suficiente deles, elas nos perdoarão tudo, até o nosso intelecto gigantesco.

MRS. ALLONBY - É prematuro nos pedir que perdoemos a lucidez. Perdoamos a adoração, é o máximo que se poderia esperar de nós.

ENTRA LORDE ALFRED, E JUNTA-SE A LADY STUTFIELD.

LADY HUNSTANTON - Ah! Nós, mulheres, devíamos perdoar tudo, não acha, Mrs. Arbuthnot? Tenho certeza que concorda comigo nesse aspecto.

MRS. ARBUTHNOT - Não, Lady Hunstanton. Acho que há muitas coisas que as mulheres nunca deveriam perdoar.

LADY HUNSTANTON - Que tipo de coisas?

MRS. ARBUTHNOT - A ruína da vida de outra mulher.

AVANÇA LENTAMENTE PARA O FUNDO DO PALCO.

LADY HUNSTANTON - Ah! Essas coisas são muito tristes, sem dúvida, mas acho que existem lares admiráveis, onde pessoas desse tipo são cuidadas e regeneradas. E acho que, de modo geral, o segredo da vida é não levar as coisas muito a sério.

MRS. ALLONBY - O segredo da vida é nunca ter uma emoção que seja imprópria.

LADY STUTFIELD - O segredo da vida é apreciar o prazer de ser terrivelmente, terrivelmente enganada.

KELVIL - O segredo da vida é resistir à tentação, Lady Stutfield.

LORDE ILLINGWORTH - Não há nenhum segredo na vida. O objetivo da vida, se existe um, é estar sempre à procura de tentações. Quase não há o suficiente. Às vezes passo um dia inteiro sem encontrar uma única. É terrível. Nos torna muito apreensivos quanto ao futuro.

LADY HUNSTANTON - (sacode o leque para ele) Não sei como acontece, caro Lorde Illingworth, mas tudo o que me disse hoje parece-me excessivamente imoral. Tendo sido tudo muito interessante, ouvi-lo.

LORDE ILLINGWORTH - Todo pensamento é imoral. Sua própria essência é a destruição. É só pensar em algo que o destruamos. Nada sobrevive à reflexão.

LADY HUNSTANTON - Não entendo uma só palavra, Lorde Illingworth, mas não tenho dúvida de que é tudo verdade. Pessoalmente, tenho muito pouco a me censurar no que se refere ao pensamento. Não acredito que as mulheres pensem muito. Mulheres devem pensar com moderação, assim como deveriam fazer todas as coisas com moderação.

LORDE ILLINGWORTH - A moderação é uma coisa fatal, Lady Hunstanton. Nada dá tanto resultado como o excesso.

LADY HUNSTANTON - Espero me lembrar disso. Parece uma máxima admirável. Mas estou começando a me esquecer de tudo. É um grande infortúnio.

LORDE ILLINGWORTH - É uma das suas qualidades mais fascinantes, Lady Hunstanton. Nenhuma mulher devia ter memória. A memória em uma mulher é o começo da deselegância. Sempre se pode dizer, pelo chapéu de uma mulher, se ela tem memória ou não.

LADY HUNSTANTON - O senhor é tão charmoso, caro Lorde Illingworth! Sempre descobre que o nosso defeito mais clamoroso é a nossa virtude mais importante. Tem opiniões muito reconfortantes sobre a vida.

ENTRA FARQUHAR.

FARQUHAR - A carruagem do Dr. Daubeny!

LADY HUNSTANTON - Meu caro arcebispo! São só dez e meia.

O ARCEBISPO - (levantando-se) Receio que precise ir, Lady Hunstanton. Terça-feira é sempre uma das noites ruins de Mrs. Daubeny.

LADY HUNSTANTON - (levantando-se) Bem, não vou segurá-lo. (vai com ele até a porta) Mandei Farquhar colocar uma vara de perdizes na carruagem. Mrs. Daubeny pode apreciá-las.

O ARCEBISPO - É muita bondade sua, mas Mrs. Daubeny nunca come nada sólido agora. Vive só de geleias. Mas é incrivelmente alegre, incrivelmente alegre. Não tem do que se queixar.

SAI COM LADY HUNSTANTON.

MRS. ALLONBY - (dirige-se a Lorde Illingworth) Há uma bela lua esta noite.

LORDE ILLINGWORTH - Vamos lá olhar. Hoje em dia é encantador olhar para qualquer coisa volúvel.

MRS. ALLONBY - Você tem o seu espelho para isso.

LORDE ILLINGWORTH - É cruel. Ele simplesmente me mostra as minhas rugas.

MRS. ALLONBY - O meu é mais bem comportado. Nunca me diz a verdade.

LORDE ILLINGWORTH - Então está apaixonado por você.

SAEM SIR JOHN, LADY STUTFIELD, MR. KELVIL E LORDE ALFRED.

GERALD - (para Lorde Illingworth) Posso ir também?

LORDE ILLINGWORTH - Venha, meu caro rapaz. (anda com Mrs. Allonby e Gerald)

ENTRA LADY CAROLINE, OLHA RAPIDAMENTE AO REDOR, E SAI NA DIREÇÃO OPOSTA ÀQUELA TOMADA POR SIR JOHN E LADY STUTFIELD.

MRS. ARBUTHNOT - Gerald!

GERALD - O que é, mãe?

SAEM LORDE ILLINGWORTH E MRS. ALLONBY.

MRS. ARBUTHNOT - Está ficando tarde. Vamos para casa.

GERALD - Minha querida mãe, vamos esperar mais um pouco. Lorde Illingworth é tão encantador! A propósito, mãe, tenho uma grande surpresa para você. Estamos partindo para a Índia no final deste mês.

MRS. ARBUTHNOT - Vamos embora.

GERALD - É claro, mãe, se realmente quer ir, mas preciso me despedir de Lorde Illingworth primeiro. Voltarei em cinco minutos. (sai)

MRS. ARBUTHNOT - Que ele me deixe, se é o que prefere, mas não com ele... não com ele! Eu não poderia suportar. (anda de um lado para o outro)

ENTRA HESTER.

HESTER - Está uma noite linda, Mrs. Arbuthnot!

MRS. ARBUTHNOT - É?

HESTER - Mrs. Arbuthnot, gostaria que fôssemos amigas. A senhora é muito diferente das outras mulheres aqui. Quanto entrou no salão esta noite, de algum modo trouxe consigo um senso do que é puro e bom na vida. Eu fui tola. Há coisas que é certo dizer, mas podem ser ditas na hora errada e para as pessoas erradas.

MRS. ARBUTHNOT - Ouvi o que disse. Concordo com você, Miss Worsley.

HESTER - Eu não sabia que tinha ouvido. Mas sabia que concordaria comigo. Uma mulher que pecou deve ser punida, não deve?

MRS. ARBUTHNOT - Sim.

HESTER - E não deve ter permissão para andar na companhia das mulheres e dos homens bons?

MRS. ARBUTHNOT - Não deve.

HESTER - E o homem deve ser punido da mesma forma?

MRS. ARBUTHNOT - Da mesma forma. E os filhos, se houver, acha que também devem ser punidos da mesma forma?

HESTER - Sim, é certo que o pecado dos pais recaia sobre os filhos. É uma lei justa. É a lei de Deus.

MRS. ARBUTHNOT - É uma das terríveis leis de Deus.

AFASTA-SE ATÉ A LAREIRA.

HESTER - Está angustiada porque seu filho vai deixá-la, Mrs. Arbuthnot?

MRS. ARBUTHNOT - Sim.

HESTER - Gosta que ele vá embora com Lorde Illingworth? É claro que há uma boa posição, sem dúvida, e dinheiro também, mas posição e dinheiro não são tudo na vida, não é?

MRS. ARBUTHNOT - Não são nada, só trazem infelicidade.

HESTER - Então por que deixa seu filho ir com ele?

MRS. ARBUTHNOT - Ele próprio deseja isso.

HESTER - Mas ele ficaria se a senhora lhe pedisse, não é?

MRS. ARBUTHNOT - Ele tem vontade de ir.

HESTER - Ele não lhe recusaria nada. Ama-a demais. Peça-lhe para ficar. Permita que eu o mande falar com a senhora. Ele está no terraço neste momento com Lorde Illingworth. Eu os ouvi rindo juntos quando passei pela sala de música.

MRS. ARBUTHNOT - Não se incomode, Miss Worsley, eu posso esperar. Não tem

importância.

HESTER - Não, vou dizer a ele que a senhora o chama. Peça... peça-lhe que fique.

SAI HESTER.

MRS. ARBUTHNOT - Ele não virá. Sei que não virá.

ENTRA LADY CAROLINE. OLHA EM VOLTA ANSIOSAMENTE. ENTRA GERALD.

LADY CAROLINE - Mrs. Arbuthnot, posso lhe perguntar se Sir John está em algum lugar do terraço?

GERALD - Não, Lady Caroline, ele não está no terraço.

LADY CAROLINE - É muito curioso. É hora de ele se retirar.

SAI LADY CAROLINE.

GERALD - Querida mãe, receio que a tenha deixado esperando. Esqueci completamente. Estou tão feliz esta noite, mãe! Nunca estive tão feliz.

MRS. ARBUTHNOT - Com a perspectiva de ir embora?

GERALD - Não coloque as coisas desse modo, mãe. É claro que lamento deixá-la, pois você é a melhor mãe do mundo. Mas afinal, como diz Lorde Illingworth, é impossível viver em um lugar como Wrockley. Você não se importa. Mas eu sou ambicioso, quero mais do que isso. Quero ter uma carreira, quero fazer algo que a deixe orgulhosa de mim, e Lorde Illingworth vai me ajudar. Ele vai fazer tudo por mim.

MRS. ARBUTHNOT - Gerald, não vá embora com Lorde Illingworth. Eu suplico que não vá. Eu lhe imploro, Gerald!

GERALD - Mãe, como você é inconstante! Não parece conhecer sua própria mente nem por um momento. Há uma hora e meia, na sala de visitas, concordou com tudo. Agora volta atrás, faz objeções, e tenta me forçar a desistir da minha única chance na vida. Sim, minha única chance. Você não acha que homens como Lorde Illingworth encontram-se por aí todos os dias, acha, mãe? É muito estranho que quando eu tenho um maravilhoso golpe de sorte, a única pessoa a colocar dificuldades no meu caminho tenha que ser a minha própria mãe. Além disso, você sabe, mãe, eu amo Hester Worsley. Quem poderia não amá-la? Eu a amo mais do que já lhe disse, muito mais. E se eu tivesse uma posição, se eu tivesse perspectivas, eu poderia... eu poderia pedir a ela que... Não entende, mãe, o que significa o ser o secretário de Lorde Illingworth? Começar assim é encontrar uma carreira pronta, diante de si, a sua espera. Se eu fosse secretário de Lorde Illingworth poderia pedir a Hester que se casasse comigo. Como um miserável empregado de banco, com cem libras de renda por ano, isso seria uma impertinência.

MRS. ARBUTHNOT - Receio que tenha que desistir de suas esperanças quanto a Miss Worsley. Conheço suas opiniões sobre a vida. Ela acabou de me contar. (pausa)

GERALD - Então me resta a ambição, de qualquer modo. Já é alguma coisa... Fico contente com isso! Você sempre tentou esmagar a minha ambição, mãe... não tentou? Disse-me que o mundo é um lugar mau, que não vale a pena ter sucesso, que a sociedade é superficial, e todo esse tipo de coisa. Bem, não acredito nisso, mãe. Acho que o mundo deve ser encantador. Acho que a sociedade deve ser requintada. Acho que o sucesso é algo que vale a pena ter. Estava errada em tudo que me ensinou, mãe, muito errada. Lorde Illingworth é um homem de sucesso. É um homem da moda. É um homem que vive no mundo e para o mundo. Bem, eu daria qualquer coisa para ser exatamente como Lorde Illingworth.

MRS. ARBUTHNOT - Eu prefiro vê-lo morto.

GERALD - Mãe, o que tem contra Lorde Illingworth? Diga-me... diga-me francamente. O que é?

MRS. ARBUTHNOT - Ele é um homem mau.

GERALD - Mau de que maneira? Não entendo o que quer dizer.

MRS. ARBUTHNOT - Vou contar-lhe.

GERALD - Acho que o considera mau, porque ele não acredita nas mesmas coisas que você. Bem, os homens são diferentes das mulheres, mãe. É natural que eles tenham pontos de vista diferentes.

MRS. ARBUTHNOT - Não é o que Lorde Illingworth acredita, ou deixa de acreditar, que o torna mau. É o que ele é.

GERALD - Mãe, é algo que sabe sobre ele? Algo que sabe de fato?

MRS. ARBUTHNOT - É algo que eu sei.

GERALD - Algo de que tem certeza absoluta?

MRS. ARBUTHNOT - Certeza absoluta.

GERALD - Há quanto tempo sabe disso?

MRS. ARBUTHNOT - Vinte anos.

GERALD - É justo voltar vinte anos na carreira de um homem? E o que importa a você ou a mim a juventude de Lorde Illingworth? O que temos a ver com isso?

MRS. ARBUTHNOT - O que esse homem foi, ele ainda é, e sempre será.

GERALD - Mãe, me diga o que Lorde Illingworth fez. Se ele fez algo vergonhoso, não irei embora com ele. Com certeza me conhece bem o suficiente para saber disso, não é?

MRS. ARBUTHNOT - Gerald, venha para perto de mim. Bem perto, como costumava fazer quando era um menininho, quando era o filho da sua mãe. (Gerald senta-se ao lado da mãe. Ela passa os dedos pelos seus cabelos, e segura-lhe as mãos) Gerald, havia uma moça uma vez, ela era muito jovem, mal tinha dezoito anos na ocasião. George Harford - era esse o nome de Lorde Illingworth naquela época - George Harford a conheceu. Ela não sabia nada sobre a vida. Ele... sabia tudo. Fez essa moça apaixonar-se por ele. Ele a fez amá-lo tanto que ela deixou a casa do pai com ele certa manhã. Ela o amava muito, e ele havia prometido se casar com ela! Havia prometido solenemente se casar com ela, e ela acreditou. Era muito jovem e... e ignorava o que a vida é de fato. Mas ele adiava o casamento de uma semana para outra, de um mês para outro. Ela confiava nele o tempo inteiro. Ela o amava. Antes de seu filho nascer - pois ela teve um filho - implorou-lhe que se casasse com ela pelo bem da criança, para que a criança tivesse um nome, para que seu pecado não recaísse sobre a criança, que era inocente. Ele se recusou. Depois que a criança nasceu ela o deixou, levando o filho, e sua vida foi arruinada, sua alma arruinada, e tudo que era bom, doce e puro nela foi arruinado também. Ela sofreu muito... ainda sofre. Ela sempre irá sofrer. Para ela não existe alegria, nem paz, nem reparação. É uma mulher que arrasta uma corrente, como uma condenada. Uma mulher que usa uma máscara, como uma leprosa. O fogo não pode purificá-la. A água não pode aplacar a sua angústia. Nada pode curá-la! Nenhum calmante pode fazê-la dormir, nem o ópio! Ela está perdida! É uma alma perdida! É por isso que digo que Lorde Illingworth é um homem mau. É por isso que não quero o meu filho junto com ele.

GERALD - Minha querida mãe, tudo isso soa muito trágico, é claro. Mas atrevo-me a dizer que a moça foi tão culpada quanto Lorde Illingworth. Afinal de contas, uma moça realmente boa, uma moça com os melhores sentimentos, iria embora de sua casa com um homem com quem não era casada, para viver com ele como sua esposa? Nenhuma moça boa faria isso.

MRS. ARBUTHNOT - (depois de uma pausa) Gerald, eu retiro todas as minhas objeções. Você está livre para ir embora com Lorde Illingworth, quando e onde quiser.

GERALD - Querida mãe, sabia que não ficaria no meu caminho. Você é a melhor mulher que Deus já criou. E, quanto a Lorde Illingworth, não creio que ele seja capaz de qualquer coisa vil ou infame. Não posso acreditar que ele seja assim... não posso.

HESTER - (lá fora) Deixe-me ir! Deixe-me ir!

ENTRA HESTER ATERRORIZADA, CORRE PARA GERALD E LANÇA-SE EM SEUS BRAÇOS.

HESTER - Oh! Salve-me... salve-me dele!

GERALD - De quem?

HESTER - Ele me insultou! Insultou-me terrivelmente! Salve-me!

GERALD - Quem? Quem ousou...?

LORDE ILLINGWORTH ENTRA NA PARTE DE TRÁS DO PALCO. HESTER INTERROMPE O ABRAÇO DE GERALD E APONTA PARA ELE.

GERALD - (completamente fora de si de raiva e indignação) Lorde Illingworth, o senhor insultou a coisa mais pura da face da terra, algo tão puro quanto minha própria mãe. Insultou a mulher que mais amo no mundo, junto com minha própria mãe. Se existe um Deus no céu,

eu vou matá-lo!

MRS. ARBUTHNOT - (correndo e agarrando o filho) Não! Não!

GERALD - (empurrando-a) Não me segure, mãe. Não me segure... eu vou matá-lo!

MRS. ARBUTHNOT - Gerald!

GERALD - Solte-me, estou dizendo!

MRS. ARBUTHNOT - Pare, Gerald, pare! Ele é seu próprio pai!

GERALD AGARRA COM FORÇA AS MÃOS DA MÃE E OLHA PARA O SEU ROSTO. ELA SE DEIXA CAIR LENTAMENTE NO CHÃO, ENVERGONHADA. HESTER ESGUEIRA-SE PARA A PORTA. LORDE ILLINGWORTH FRANZE A TESTA E MORDE O LÁBIO. DEPOIS DE UM TEMPO, GERALD LEVANTA A MÃE, COLOCA O BRAÇO EM VOLTA DELA, E LEVA-A PARA FORA DA SALA.

FIM DO ATO III

ATO IV

SALA DE ESTAR NA CASA DE MRS. ARBUTHNOT. ENORME PORTA-JANELA ABERTA AO FUNDO, DANDO PARA O JARDIM. PORTAS À DIREITA E À ESQUERDA.

GERALD ARBUTHNOT ESTÁ SENTADO À MESA, ESCRREVENDO. ENTRA ALICE PELA DIREITA, SEGUIDA DE LADY HUNSTANTON E MRS. ALLONBY.

ALICE - Lady Hunstanton e Mrs. Allonby.

SAI.

LADY HUNSTANTON - Bom-dia, Gerald.

GERALD - (levantando-se) Bom-dia, Lady Hunstanton. Bom-dia, Mrs. Allonby.

LADY HUNSTANTON - (sentando-se) Viemos perguntar pela sua querida mãe, Gerald. Ela está melhor, espero?

GERALD - Minha mãe ainda não desceu, Lady Hunstanton.

LADY HUNSTANTON - Ah, receio que o calor tenha sido demais para ela, ontem à noite. Acho que deve ter havido alguns trovões no ar. Ou talvez tenha sido a música. A música nos faz sentir tão românticos... De qualquer modo, sempre nos irrita.

MRS. ALLONBY - É a mesma coisa, hoje em dia.

LADY HUNSTANTON - Fico muito contente de não saber o que você quer dizer, querida. Receio que queira dizer alguma coisa ofensiva. Ah, vejo que está examinando a bela sala de Mrs. Arbuthnot. Não é bonita e antiquada?

MRS. ALLONBY - (inspecionando a sala com seu lornhão) Parece o típico lar inglês feliz.

LADY HUNSTANTON - Essa é a palavra exata, querida. Descreve exatamente o lugar. Sente-se a boa influência de sua mãe em tudo que há em torno dela, Gerald.

MRS. ALLONBY - Lorde Illingworth diz que toda influência é ruim, mas que uma boa influência é o que há de pior no mundo.

LADY HUNSTANTON - Quando Lorde Illingworth conhecer melhor Mrs. Arbuthnot vai mudar de ideia. Com certeza preciso trazê-lo aqui.

MRS. ALLONBY - Eu gostaria de ver Lorde Illingworth em um típico lar inglês feliz.

LADY HUNSTANTON - Faria muito bem a ele, querida. A maioria das mulheres em Londres, hoje em dia, parece decorar suas salas com nada além de orquídeas, estrangeiros e romances franceses. Mas aqui temos a sala de uma doce santa. Flores naturais frescas, livros que não nos chocam, quadros que se pode observar sem ruborizar.

MRS. ALLONBY - Mas eu gosto de ruborizar.

LADY HUNSTANTON - Bem, há muito a ser dito a favor do rubor, se for possível fazê-lo no momento apropriado. O pobre querido Hunstanton costumava me dizer que eu não enrubescia com frequência suficiente. Mas ele era tão detalhista naquela época! Não me deixava conhecer nenhum dos seus amigos homens, exceto aqueles que tinham mais de setenta, como o pobre Lorde Ashton - que mais tarde, aliás, foi levado à Vara de Família. Um caso muito infeliz.

MRS. ALLONBY - Adoro homens com mais de setenta. Eles sempre nos oferecem uma devoção para toda a vida. Acho setenta a idade ideal para um homem.

LADY HUNSTANTON - Ela é mesmo incorrigível, Gerald, não é? A propósito, Gerald, espero que agora sua mãe venha me ver com mais frequência. Você começa a trabalhar com Lorde Illingworth quase imediatamente, não?

GERALD - Eu desisti da minha intenção de me tornar secretário de Lorde Illingworth.

LADY HUNSTANTON - Certamente que não, Gerald! Seria muito insensato da sua parte. Que razão pode ter para isso?

GERALD - Não creio que eu seja adequado para a função.

MRS. ALLONBY - Gostaria que Lorde Illingworth me convidasse para ser sua secretária. Mas ele diz que não sou séria o bastante.

LADY HUNSTANTON - Minha querida, você realmente não deve falar assim nesta casa. Mrs. Arbuthnot não sabe nada sobre a sociedade cruel em que todos vivemos. Ela não vai

fazer parte disso. É boa demais. Considero uma grande honra ela ter ido me visitar na noite passada. Conferiu uma atmosfera de grande respeitabilidade à festa.

MRS. ALLONBY - Ah, deve ter sido isso que você pensou que fossem trovões no ar.

LADY HUNSTANTON - Minha querida, como pode dizer isso? Não há semelhança alguma entre as duas coisas. Mas, realmente, Gerald, o que você quer dizer com não ser adequado?

GERALD - Minhas opiniões sobre a vida e as de Lorde Illingworth são muito diferentes.

LADY HUNSTANTON - Mas, meu caro Gerald, na sua idade não devia ter opinião alguma sobre a vida. É totalmente fora de propósito. Deve ser guiado por outros, nesse assunto. Lorde Illingworth lhe fez uma oferta muito lisonjeira, e viajando com ele você iria ver o mundo - tanto quanto se deve ver, pelo menos - sob os melhores auspícios, além de estar com as pessoas certas, o que é muito importante neste momento solene da sua carreira.

GERALD - Não quero ver o mundo: já vi o suficiente.

MRS. ALLONBY - Espero que não pense que está cansado da vida, Mr. Arbuthnot. Quando um homem diz isso, sabemos que a vida se cansou dele.

GERALD - Não quero deixar minha mãe.

LADY HUNSTANTON - Ora, Gerald, isso é pura preguiça da sua parte. Não quer deixar sua mãe! Se eu fosse sua mãe, insistiria para que fosse.

ENTRA ALICE.

ALICE - Mrs. Arbuthnot envia seus cumprimentos, senhora, mas ela está com uma forte dor de cabeça, e não pode ver ninguém esta manhã. (sai)

LADY HUNSTANTON - (levantando-se) Uma forte dor de cabeça! Eu sinto muito! Talvez consiga levá-la a Hunstanton à tarde, se ela estiver melhor, Gerald.

GERALD - Receio que esta tarde não, Lady Hunstanton.

LADY HUNSTANTON - Bem, amanhã, então. Ah, se tivesse um pai, Gerald, ele não o deixaria desperdiçar sua vida aqui. Iria mandá-lo partir com Lorde Illingworth de uma vez. Mas as mães são tão fracas. Desistem de tudo pelos filhos. Somos só coração, só coração. Venha, querida, ainda tenho que passar na paróquia e perguntar por Mrs. Daubeny, que, receio, não está nada bem. É maravilhoso o modo como o arcebispo suporta isso, maravilhoso. Ele é o mais simpático dos maridos. Um verdadeiro exemplo. Adeus, Gerald, dê minhas sinceras lembranças a sua mãe.

MRS. ALLONBY - Adeus, Mr. Arbuthnot.

GERALD - Adeus.

SAEM LADY HUNSTANTON E MRS. ALLONBY. GERALD SENTA-SE E RELÊ SUA CARTA.

GERALD - Com que nome devo assinar? Eu, que não tenho direito a nome algum.

ASSINA, PÕE A CARTA NO ENVELOPE, ENDEREÇA, E ESTÁ PRESTES A SELÁ-LA QUANDO A PORTA DA ESQUERDA SE ABRE E MRS. ARBUTHNOT ENTRA. GERALD LARGA O LACRE. MÃE E FILHO SE OLHAM.

LADY HUNSTANTON - (através da porta-janela, ao fundo) Adeus de novo, Gerald. Estamos tomando o atalho pelo seu lindo jardim. E não se esqueça do meu conselho: comece logo com Lorde Illingworth.

MRS. ALLONBY - Au revoir, Mr. Arbuthnot. Lembre-se de me trazer alguma coisa bonita das suas viagens - não um xale indiano - em hipótese alguma um xale indiano.

SAEM.

GERALD - Mãe, acabei de escrever para ele.

MRS. ARBUTHNOT - Para quem?

GERALD - Para o meu pai. Escrevi para dizer-lhe que venha aqui esta tarde às quatro horas.

MRS. ARBUTHNOT - Ele não virá aqui. Não cruzará a soleira da minha casa.

GERALD - Ele precisa vir.

MRS. ARBUTHNOT - Gerald, se está indo embora com Lorde Illingworth, vá de uma vez. Vá antes que isso me mate: mas não me peça para encontrá-lo.

GERALD - Mãe, você não entende. Nada no mundo me faria ir embora com Lorde Illingworth, ou deixá-la. Com certeza me conhece bem o suficiente para saber disso. Não: eu escrevi para dizer-lhe que...

MRS. ARBUTHNOT - O que pode ter para dizer a ele?

GERALD - Não pode adivinhar, mãe, o que escrevi nesta carta?

MRS. ARBUTHNOT - Não.

GERALD - Mãe, é claro que pode. Pense. Pense no que deve ser feito agora, de uma vez, nos próximos dias.

MRS. ARBUTHNOT - Não há nada a ser feito.

GERALD - Escrevi para Lorde Illingworth para dizer-lhe que deve se casar com você.

MRS. ARBUTHNOT - Casar comigo?

GERALD - Mãe, eu o forcerei a fazer isso. O mal que lhe foi feito deve ser reparado. Precisa haver uma reparação. A justiça pode ser lenta, mãe, mas ela vem no final. Dentro de poucos dias você será a esposa legítima de Lorde Illingworth.

MRS. ARBUTHNOT - Mas, Gerald...

GERALD - Vou insistir em que ele faça isso. Vou obrigá-lo. Ele não se atreverá a recusar.

MRS. ARBUTHNOT - Mas, Gerald, sou eu que recuso. Não me casarei com Lorde Illingworth.

GERALD - Não se casará com ele? Mãe!

MRS. ARBUTHNOT - Não me casarei com ele.

GERALD - Mas você não entende: é para o seu bem que estou falando, não para o meu. Esse casamento, esse casamento necessário, esse casamento que, por razões óbvias, deve inevitavelmente acontecer, não me ajudará, não me dará um nome que eu possa usar realmente, por direito. Mas para você com certeza representará algo. Para que possa, minha mãe, embora tarde, tornar-se a esposa de meu pai. Não acha?

MRS. ARBUTHNOT - Não me casarei com ele.

GERALD - Mãe, você deve.

MRS. ARBUTHNOT - Não. Você fala da reparação de um mal cometido. Que reparação me pode ser feita? Não há reparação possível. Eu estou desgraçada: ele não. Isso é tudo. É a história usual de um homem e uma mulher como normalmente acontece, como sempre acontece. E o final é o final de sempre. A mulher sofre. O homem fica livre.

GERALD - Não sei se esse é o final de sempre, mãe, espero que não. Mas a sua vida, de qualquer modo, não precisa terminar assim. O homem deve fazer qualquer reparação que seja possível. E não é suficiente. Não apagará o passado, sei disso. Mas pelo menos tornará o futuro melhor, melhor para você, mãe.

MRS. ARBUTHNOT - Recuso-me a casar com Lorde Illingworth.

GERALD - Se ele viesse até você em pessoa e lhe pedisse para ser sua esposa você daria uma resposta diferente. Lembre-se, ele é meu pai.

MRS. ARBUTHNOT - Se ele viesse pessoalmente, o que ele não fará, minha resposta seria a mesma. Lembre-se de que sou sua mãe.

GERALD - Mãe, você torna as coisas muito difíceis para mim falando dessa maneira; e não posso entender porque não encara esse assunto da maneira certa, do único ponto de vista apropriado. É para tirar a amargura da sua vida, para tirar a sombra que paira sobre o seu nome, que esse casamento deve se realizar. Não há alternativa. E depois do casamento você e eu podemos ir embora juntos. Mas o casamento deve acontecer primeiro. É um dever que você tem, não apenas consigo mesma, mas com todas as outras mulheres - sim: com todas as outras mulheres do mundo, para que ele não engane mais.

MRS. ARBUTHNOT - Não devo nada às outras mulheres. Não há nenhuma para vir em meu auxílio. Não há uma mulher no mundo a quem eu possa apelar em busca de piedade, se pudesse recebê-la, ou de simpatia, se pudesse obtê-la. As mulheres são duras umas com as outras. Essa moça, ontem à noite, boa como é, fugiu da sala como se eu fosse um objeto contaminado. Ela estava certa. Eu sou um objeto contaminado. Mas meus erros são meus, e vou suportá-los sozinha. Devo suportá-los sozinha. O que têm as mulheres que não pecaram a

ver comigo, ou eu com elas? Não compreendemos umas às outras.

ENTRA HESTER, POR TRÁS.

GERALD - Eu lhe imploro que faça o que lhe peço.

MRS. ARBUTHNOT - Que filho já pediu à mãe que faça um sacrifício tão odioso? Nenhum.

GERALD - Que mãe já recusou casar-se com o pai do seu próprio filho? Nenhuma.

MRS. ARBUTHNOT - Que eu seja a primeira, então. Não farei isso.

GERALD - Mãe, você acredita na religião, e criou-me para acreditar também. Bem, mãe, com certeza a sua religião, a religião que me ensinou quando eu era menino, deve dizer-lhe que estou certo. Você sabe disso, sente isso.

MRS. ARBUTHNOT - Não sei. Não sinto isso, e nunca vou me postar diante do altar de Deus e pedir a Sua bênção para uma paródia tão cruel como um casamento entre eu e George Harford. Não direi as palavras que a igreja nos manda dizer. Não vou dizê-las. Não me atrevo. Como poderia jurar amar o homem que odeio, honrar o homem que forjou a sua desonra, obedecer aquele que, com seu poder, me levou a pecar? Não. O casamento é um sacramento para aqueles que se amam. Não é para alguém como ele, ou como eu. Gerald, para salvá-lo do escárnio e dos insultos do mundo, eu menti para o mundo. Durante vinte anos, eu menti para o mundo. Não poderia contar a verdade ao mundo. Quem poderia? Mas nem para o meu próprio bem eu mentiria para Deus, e na presença de Deus. Não, Gerald, nenhuma cerimônia santificada pela Igreja ou realizada pelo estado jamais me ligará a George Harford. Talvez eu já esteja ligada demais a ele, que, ao me roubar, deixou-me ainda mais rica, pois na lama da minha vida encontrei uma pérola preciosa, ou o que achei que assim fosse.

GERALD - Agora não entendo você, mãe.

MRS. ARBUTHNOT - Os homens não entendem o que são as mães. Não sou diferente de outras mulheres, exceto no mal que me foi feito e no mal que fiz, e nos meus pesados castigos e grandes desgraças. Mesmo assim, para trazer você ao mundo, tive que enfrentar a morte. Para alimentá-lo, tive que lutar com ela. A morte lutou comigo por você. Todas as mulheres têm que lutar com a morte para manter seus filhos. A morte, por não ter filhos, quer nos tirar os nossos. Gerald, quando você estava nu, eu o vesti, quando teve fome, eu o alimentei. Noite e dia, durante aquele longo inverno, eu cuidei de você. Nenhuma tarefa é inferior demais, nenhum cuidado humilde demais, para aquilo que nós, mulheres, amamos... e, oh, como amei você! Não Hannah, mas Samuel. E você precisava de amor, pois era fraco, e só o amor poderia mantê-lo vivo. Só o amor pode manter qualquer um vivo. E os meninos são descuidados e, sem pensar, provocam dor, e nós sempre imaginamos que quando se tornarem adultos e nos conhecerem melhor, nos retribuirão. Mas não é assim. O mundo leva-os do nosso lado, e eles fazem amigos com quem são mais felizes do que são conosco, e têm diversões que nos são proibidas, e interesses que não são os nossos. E com frequência são injustos conosco, pois quando acham a vida amarga nos culpam por isso, e quando a consideram doce não provamos dessa doçura com eles... Você fez muitos amigos, e entrou em suas casas, e foi feliz com eles, e eu, sabendo do meu segredo, não ousei segui-lo, mas fiquei em casa e tranquei a porta, impedindo a entrada do sol e fiquei no escuro. O que eu faria naqueles lares honestos? Meu passado estava sempre comigo... E você pensou que eu não dava importância às coisas boas da vida. Digo-lhe que eu ansiava por elas, mas não ousava tocá-las, sabendo que não tinha o direito. Você pensou que eu era mais feliz cuidando dos pobres. Imaginou que essa era a minha missão. Não era, mas onde mais eu poderia ir? Os doentes não perguntam se a mão que alisa o seu travesseiro é pura, nem os moribundos se importam se os lábios que tocam sua fronte conheceram o beijo do pecado. Era em você que eu pensava o tempo inteiro. Eu lhes dei o amor que você não precisava, derramei sobre eles um amor que não lhes pertencia... E você pensou que eu desperdiçava tempo demais indo à igreja, e nas tarefas da igreja. Mas a quem mais eu poderia recorrer? A casa de Deus é a única onde os pecadores são bem-vindos, e você estava sempre no meu coração, Gerald, sempre presente no meu coração. Pois, embora dia após dia, de manhã ou ao cair da tarde, eu me ajoelhasse na casa de Deus, nunca me arrependi do meu pecado. Como eu poderia arrepender-me do meu pecado, quando você, meu amor, era o seu fruto! Mesmo agora, quando é amargo comigo, não posso me arrepender. Não. Você vale mais para mim do que a inocência. Prefiro muito mais ser sua mãe - oh, muito mais - do que ter sido sempre pura... Oh, será que você não vê? Será que não entende? É a minha desonra que o tornou tão precioso para mim. É a minha desgraça que o ligou tanto a mim. É o preço que paguei por você - o preço de corpo e alma - que me faz amá-lo como amo. Oh, não me peça para fazer essa coisa horrível. Filho da minha vergonha, continue sendo o filho da

minha vergonha!

GERALD - Mãe, eu não sabia que me amava tanto assim. E serei um filho melhor para você do que tenho sido. E você e eu nunca vamos deixar um ao outro... Mas, mãe... não posso evitar... você precisa se tornar a esposa do meu pai. Deve se casar com ele. É seu dever.

HESTER - (avança correndo e abraça Mrs. Arbuthnot) Não, não, não deve. Essa seria a verdadeira desonra, a primeira que jamais conheceu. Seria a verdadeira desgraça, a primeira a tocá-la. Deixe-o e venha comigo. Há outros países além da Inglaterra... Oh! Há outros países além-mar, terras melhores, mais sábias e menos injustas. O mundo é muito grande e muito extenso.

MRS. ARBUTHNOT - Não, não para mim. Para mim o mundo está reduzido à largura de um palmo, e por onde ando há espinhos.

HESTER - Não precisa ser assim. Em algum lugar encontraremos vales verdes e águas doces, e se chorarmos, bem, choraremos juntas.

GERALD - Hester!

HESTER - (afastando-o) Não, não! Você nunca poderá me amar, a menos que a ame também. Não pode me honrar, a menos que ela seja mais sagrada para você. Nela, toda feminilidade é martirizada. Não só ela, mas todas nós somos atingidas em sua casa.

GERALD - Hester, Hester, que devo fazer?

HESTER - Você respeita o homem que é seu pai?

GERALD - Respeitá-lo? Eu o desprezo! Ele é infame.

HESTER - Agradeço-lhe por me salvar dele na noite passada.

GERALD - Ah, isso não é nada. Eu morreria para salvá-la. Mas você não me diz o que fazer agora!

HESTER - Não lhe agradei por me salvar?

GERALD - Mas o que devo fazer?

HESTER - Pergunte ao seu próprio coração, não ao meu. Eu nunca tive uma mãe para salvar, ou envergonhar.

MRS. ARBUTHNOT - Ele é cruel... ele é cruel. Deixe-me ir embora.

GERALD - (corre e se ajoelha junto à mãe) Mãe, perdoe-me. A culpa foi minha.

MRS. ARBUTHNOT - Não beije as minhas mãos, estão frias. Meu coração está frio: algo o despedaçou.

HESTER - Ah, não diga isso. Os corações vivem através do sofrimento. O prazer pode transformar um coração em pedra, as riquezas podem torná-lo insensível, mas a tristeza... oh, a tristeza não pode despedaçá-lo. Além disso, que tristezas tem agora? Pois neste momento é mais querida do que nunca para ele, mais querida do que jamais foi... e sempre foi muito querida! Ah! Seja boa com ele.

GERALD - Você foi minha mãe e meu pai ao mesmo tempo. Não preciso de um segundo pai. Foi por você que falei, só por você. Oh, diga alguma coisa, mãe. Será que encontrei um amor só para perder outro? Não me diga isso. Oh, mãe, você é cruel! (levanta-se e se atira soluçando em um sofá)

MRS. ARBUTHNOT - (para Hester) Mas ele encontrou de fato um outro amor?

HESTER - A senhora sabe que sempre o amei.

MRS. ARBUTHNOT - Mas somos muito pobres.

HESTER - Quem é pobre, se tem amor? Oh, ninguém. Odeio as minhas riquezas. Elas são um fardo. Permita que ele divida esse fardo comigo.

MRS. ARBUTHNOT - Mas somos desgraçados. Estamos entre os párias. Gerald não tem um nome. Os pecados dos pais devem recair sobre os filhos. É a lei de Deus.

HESTER - Eu estava errada. A lei de Deus é apenas amor.

MRS. ARBUTHNOT - (levanta-se, e pegando Hester pela mão, vai lentamente até onde Gerald está recostado no sofá, com o rosto escondido nas mãos. Ela o toca e ele levanta os olhos) Gerald, não posso dar-lhe um pai, mas lhe trouxe uma esposa.

GERALD - Mãe, não sou digno dela nem de você.

MRS. ARBUTHNOT - Como ela vem em primeiro lugar, você é digno. E quando estiver longe, Gerald... com... ela - oh, pense em mim de vez em quando. Não se esqueça de mim. E quando rezar, reze por mim. É quando somos mais felizes que devemos rezar, Gerald, e você

será feliz.

HESTER - Oh, não está pensando em nos deixar?

GERALD - Mãe, não vai nos deixar, não é?

MRS. ARBUTHNOT - Eu poderia trazer vergonha para vocês!

GERALD - Mãe!

MRS. ARBUTHNOT - Por algum tempo, então. E, se me permitir, sempre perto de você.

HESTER - (para Mrs. Arbuthnot) Venha conosco até o jardim.

MRS. ARBUTHNOT - Mais tarde, mais tarde.

SAEM HESTER E GERALD. MRS. ARBUTHNOT VAI PARA A PORTA DA ESQUERDA. PARA DIANTE DO ESPELHO SOBRE A LAREIRA E OLHA ATRAVÉS DELE. ENTRA ALICE PELA DIREITA.

ALICE - Um cavalheiro deseja vê-la, senhora.

MRS. ARBUTHNOT - Diga que não estou em casa. Mostre-me o cartão. (pega o cartão da salva e olha-o) Diga que não vou recebê-lo.

ENTRA LORDE ILLINGWORTH. MRS. ARBUTHNOT O VÊ ATRAVÉS DO ESPELHO E ESTREMECE, MAS NÃO SE VIRA. SAI ALICE.

MRS. ARBUTHNOT - O que pode ter para me dizer hoje, George Harford? Não tem nada para me dizer. Deve deixar esta casa.

LORDE ILLINGWORTH - Rachel, Gerald sabe tudo sobre você e eu agora, então algum arranjo deve ser feito que seja adequado para todos os três. Asseguro-lhe que ele encontrará em mim o mais encantador e generoso dos pais.

MRS. ARBUTHNOT - Meu filho pode chegar a qualquer momento. Eu salvei você ontem à noite. Posso não ser capaz de salvá-lo outra vez. Meu filho sente demais a minha desonra, demais. Peço-lhe que vá embora.

LORDE ILLINGWORTH - (sentando-se) A noite passada foi extremamente infeliz. Aquela tola menina puritana fazendo uma cena só porque eu queria beijá-la. Que mal há em um beijo?

MRS. ARBUTHNOT - (virando-se) Um beijo pode arruinar uma vida humana, George Harford. Sei disso. Sei disso muito bem.

LORDE ILLINGWORTH - Não vamos discutir isso agora. O que importa hoje, como ontem, ainda é o nosso filho. Gosto imensamente dele, como sabe, e por mais estranho que possa lhe parecer, admirei muito a sua conduta na noite passada. Ele tomou a defesa daquela bela puritana com maravilhosa prontidão. Ele é exatamente o que eu gostaria que um filho meu fosse. Só que nenhum filho meu jamais tomaria o partido dos puritanos: isso é sempre um erro. Agora, o que proponho é o seguinte.

MRS. ARBUTHNOT - Lorde Illingworth, nenhuma proposta sua me interessa.

LORDE ILLINGWORTH - De acordo com as nossas ridículas leis inglesas, não posso legitimar Gerald. Mas posso deixar-lhe as minhas propriedades. Illingworth está vinculada, é claro, mas é um tédio de lugar. Ele pode ficar com Ashby, que é muito mais bonita, Harborough, que tem a melhor caça no norte da Inglaterra, e a casa em Saint James Square. O que mais pode um cavalheiro desejar neste mundo?

MRS. ARBUTHNOT - Nada mais, estou certa.

LORDE ILLINGWORTH - Quanto a um título, um título na verdade é mais um incômodo nessa época democrática. Como George Harford, eu tinha tudo o que queria. Agora tenho apenas tudo o que os outros querem, o que não é tão agradável. Bem, minha proposta é essa.

MRS. ARBUTHNOT - Eu já disse que não estava interessada, e peço-lhe que se vá.

LORDE ILLINGWORTH - O rapaz ficará com você seis meses por ano, e comigo os outros seis. Isso é bastante justo, não acha? Você pode ter a pensão que quiser, e viver onde desejar. Quanto ao seu passado, ninguém sabe nada sobre ele, exceto eu e Gerald. Há a puritana, é claro, a puritana de musselina branca, mas ela não conta. Ela não poderia contar a história sem explicar que se opôs a ser beijada, não é? E todas as mulheres iriam considerá-la uma tola, e os homens iriam considerá-la um aborrecimento. E você não precisa ter medo de que Gerald não seja o meu herdeiro. Não preciso lhe dizer que não tenho a menor intenção de me casar.

MRS. ARBUTHNOT - Você chegou tarde demais. Meu filho não precisa de você. Você não é necessário.

LORDE ILLINGWORTH - O que quer dizer, Rachel?

MRS. ARBUTHNOT - Que você não é necessário para a carreira de Gerald. Ele não precisa de você.

LORDE ILLINGWORTH - Eu não a entendo.

MRS. ARBUTHNOT - Olhe para o jardim. (Lorde Illingworth levanta-se e vai até a janela) É melhor não deixar que eles o vejam, você traz lembranças desagradáveis. (Lorde Illingworth olha para fora e estremece) Ela o ama. Eles se amam. Estamos a salvo de você, e vamos embora.

LORDE ILLINGWORTH - Para onde?

MRS. ARBUTHNOT - Nós não vamos lhe dizer, e se nos encontrar, não o conheceremos. Você parece surpreso. Que boas-vindas deseja da moça cujos lábios tentou macular, do rapaz cuja vida envergonhou, da mãe cuja desonra foi obra sua?

LORDE ILLINGWORTH - Você se tornou dura, Rachel.

MRS. ARBUTHNOT - Fui muito fraca uma vez. É bom para mim que eu tenha mudado.

LORDE ILLINGWORTH - Eu era muito jovem na época. Nós, homens, conhecemos a vida cedo demais.

MRS. ARBUTHNOT - E nós, mulheres, conhecemos a vida tarde demais. Essa é a diferença entre homens e mulheres. (Pausa)

LORDE ILLINGWORTH - Rachel, eu quero o meu filho. Meu dinheiro pode não ter utilidade para ele agora. Eu posso não ter utilidade para ele agora, mas eu quero o meu filho. Faça com que eu me una a ele, Rachel. Pode fazer isso, se quiser. (Vê a carta sobre a mesa)

MRS. ARBUTHNOT - Não há lugar para você na vida do meu filho. Ele não está interessado em você.

LORDE ILLINGWORTH - Então porque ele me escreveu?

MRS. ARBUTHNOT - O que quer dizer?

LORDE ILLINGWORTH - Que carta é esta? (Pega a carta)

MRS. ARBUTHNOT - Essa... não é nada. Dê-me.

LORDE ILLINGWORTH - Está endereçada a mim.

MRS. ARBUTHNOT - Não deve abri-la. Eu o proíbo de abri-la.

LORDE ILLINGWORTH - É a letra de Gerald.

MRS. ARBUTHNOT - Não era para ter sido enviada. É uma carta que ele escreveu para você esta manhã, antes de falar comigo. Mas ele agora está arrependido de ter escrito, muito arrependido. Não deve abri-la. Dê-me.

LORDE ILLINGWORTH - A carta me pertence. (Abre-a, senta-se e lê atentamente. Mrs. Arbuthnot observa-o o tempo todo) Você leu esta carta, eu suponho, Rachel?

MRS. ARBUTHNOT - Não.

LORDE ILLINGWORTH - Sabe o que ela diz?

MRS. ARBUTHNOT - Sim!

LORDE ILLINGWORTH - Não admito por um momento que o rapaz esteja certo no que diz. Não admito que eu tenha qualquer obrigação de me casar com você. Nego isso inteiramente. Mas para ter meu filho de volta, estou pronto... sim, estou pronto a me casar com você, Rachel, e a tratá-la sempre com a deferência e o respeito devidos a minha esposa. Casar-me-ei com você tão logo queira. Eu lhe dou a minha palavra de honra.

MRS. ARBUTHNOT - Você já me fez essa promessa antes e quebrou-a.

LORDE ILLINGWORTH - Agora vou mantê-la. E isso lhe mostrará que amo meu filho, pelo menos tanto quanto você o ama. Pois quando me casar com você, Rachel, há certas ambições às quais terei que renunciar. Elevadas ambições, até, se alguma ambição é elevada.

MRS. ARBUTHNOT - Recuso-me a casar com você, Lorde Illingworth.

LORDE ILLINGWORTH - Está falando sério?

MRS. ARBUTHNOT - Sim.

LORDE ILLINGWORTH - Diga-me as suas razões. Elas me interessam muitíssimo.

MRS. ARBUTHNOT - Já expliquei minhas razões ao meu filho.

LORDE ILLINGWORTH - Suponho que eram muito sentimentais, não eram? Vocês, mulheres, vivem pelas suas emoções e para elas. Não tem nenhuma filosofia de vida.

MRS. ARBUTHNOT - Tem razão. Nós, mulheres, vivemos pelas nossas emoções e para elas. Pelas nossas paixões e para elas, se quiser. Tenho duas paixões, Lorde Illingworth: meu amor por ele e meu ódio por você. Não pode matá-los. Eles alimentam um ao outro.

LORDE ILLINGWORTH - Que tipo de amor é esse que precisa do ódio como irmão?

MRS. ARBUTHNOT - É o tipo de amor que tenho por Gerald. Acha isso terrível? Bem, é terrível. Todo amor é terrível. Todo amor é uma tragédia. Eu o amei uma vez, Lorde Illingworth. Oh, que tragédia é para uma mulher ter amado você!

LORDE ILLINGWORTH - Então, realmente se recusa a casar comigo?

MRS. ARBUTHNOT - Sim.

LORDE ILLINGWORTH - Porque me odeia?

MRS. ARBUTHNOT - Sim.

LORDE ILLINGWORTH - E meu filho me odeia do mesmo modo?

MRS. ARBUTHNOT - Não.

LORDE ILLINGWORTH - Fico feliz com isso, Rachel.

MRS. ARBUTHNOT - Ele simplesmente o despreza.

LORDE ILLINGWORTH - Que pena! Que pena para ele, quero dizer.

MRS. ARBUTHNOT - Não se engane, George. Os filhos começam amando seus pais. Depois de um tempo, eles os julgam. E raramente, ou nunca, os perdoam.

LORDE ILLINGWORTH - (lê a carta outra vez, com muita atenção) Posso perguntar com que argumentos fez o rapaz que escreveu esta carta, esta bela e emotiva carta, acreditar que não deve se casar com seu pai, o pai de seu próprio filho?

MRS. ARBUTHNOT - Não fui eu que o convenci. Foi outra pessoa.

LORDE ILLINGWORTH - Que pessoa fin-de-siècle foi essa?

MRS. ARBUTHNOT - A puritana, Lorde Illingworth. (pausa)

LORDE ILLINGWORTH - (estremece, depois levanta-se devagar e vai até a mesa onde estão seu chapéu e luvas. Mrs. Arbuthnot está de pé perto da mesa. Ele pega uma das luvas e começa a colocá-la) Não há nada que eu possa fazer aqui, então, Rachel?

MRS. ARBUTHNOT - Nada.

LORDE ILLINGWORTH - É um adeus, então?

MRS. ARBUTHNOT - Espero que, desta vez, seja para sempre, Lorde Illingworth.

LORDE ILLINGWORTH - Que curioso! Neste momento você parece exatamente como parecia na noite em que me deixou, vinte anos atrás. Tinha a mesma expressão na boca. Palavra de honra, Rachel, nenhuma mulher jamais me amou como você. Pois você se entregou a mim como uma flor, para fazer o que eu quisesse. Você foi o mais belo dos brinquedos, a mais fascinante das aventuras... (puxa o relógio) Quinze para as duas! Devo voltar a Hunstanton. Não acho que a verei lá de novo. Sinto muito, realmente sinto. Foi uma experiência divertida ter encontrado entre as pessoas do meu próprio nível social, e tratada com muito respeito, uma amante e...

MRS. ARBUTHNOT AGARRA A LUVA E BATE COM ELA NO ROSTO DE LORDE ILLINGWORTH. ELE SE ESPANTA. FICA CONFUSO COM A PUNIÇÃO INSULTANTE QUE RECEBE. ENTÃO SE CONTROLA, VAI ATÉ A JANELA E OLHA PARA O FILHO LÁ FORA. SUSPIRA E DEIXA A SALA.

MRS. ARBUTHNOT - (atira-se no sofá, soluçando) Ele tinha que dizer isso. Ele tinha que dizer isso.

ENTRAM GERALD E HESTER, VINDOS DO JARDIM.

GERALD - Bem, querida mãe. Não saiu para o jardim, afinal. Então viemos buscá-la. Mãe, não esteve chorando, não é? (ajoelha-se ao lado dela)

MRS. ARBUTHNOT - Meu menino! Meu menino! Meu menino! (passa os dedos pelos cabelos do filho)

HESTER - (aproximando-se) Mas a senhora tem dois filhos, agora. Vai deixar que eu seja sua filha?

MRS. ARBUTHNOT - (levantando o olhar) Será que você me escolheria como mãe?

HESTER - Eu a escolheria dentre todas as mulheres que já conheci.

ELES SE DIRIGEM À PORTA QUE LEVA AO JARDIM, COM OS BRAÇOS AO REDOR DA CINTURA UNS DOS OUTROS. GERALD VAI ATÉ A MESA EM BUSCA DO CHAPÉU. AO VOLTAR-SE, VÊ A LUVA DE LORDE ILLINGWORTH NO CHÃO E PEGA-A.

GERALD - Ora, mãe, de quem é essa luva? Você teve um visitante. Quem era?

MRS. ARBUTHNOT - (voltando-se) Oh! Ninguém. Ninguém em particular. Um homem sem importância.

CAI O PANO